

# UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

DEPARTAMENTO DE LETRAS



“BIBLIOTECA ESCOLAR E FAMÍLIA - LEITURA(S) CRUZADA(S)”

Joaquim António Lindeza Ponciano

Covilhã  
2009

# UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

DEPARTAMENTO DE LETRAS

**“BIBLIOTECA ESCOLAR E FAMÍLIA - LEITURA(S) CRUZADA(S)”**

**Joaquim António Lindeza Ponciano**

**Orientadora:** Professora Doutora Maria da Graça Guilherme D’Almeida  
Sardinha

Dissertação de 2.<sup>o</sup> Ciclo em Estudos Culturais, Didáticos, Linguísticos e  
Literários conducente ao grau de Mestre, apresentada à Universidade da Beira  
Interior.

## **AGRADECIMENTOS**

A realização de um estudo desta natureza pressupõe algumas horas de trabalho, diversas angústias, múltiplas dificuldades e, sobretudo, um crescimento pessoal e uma descoberta permanente. No entanto, esta caminhada não seria possível sem a compreensão, a amizade e a colaboração de todos aqueles que me apoiaram. É, pois, legítimo que aqui manifeste a todos o meu agradecimento.

Em primeiro lugar, à senhora Professora Doutora Maria da Graça, minha orientadora, pela constante disponibilidade, pelo modo habilidoso como me orientou, deixando-me encontrar o meu próprio rumo.

Em segundo lugar à minha amiga, Margarida, pela voz amiga que me soube incentivar nos momentos de maior desânimo.

A todos aqueles que estiveram ao meu lado neste espaço e neste tempo e acreditaram...

## SUMÁRIO

O efectivo entendimento acerca do papel da leitura e das bibliotecas escolares apresenta hoje um carácter de indiscutível urgência.

Através de uma panóplia de actividades, articuladas com as competências a desenvolver, tendo como pano de fundo o Plano Nacional de Leitura a legitimar a escolha das obras de literatura infanto-juvenil, assim se enquadrou o nosso projecto tendo como bandeira: vinte razões para ler.

## **ABSTRACT**

Nowadays, the actual understanding of the role of reading as well as the role of the school libraries presents contours of an undeniable urgency.

Through an enormous set of activities, together with a set of capabilities to be developed, and having the National Reading Program in the background to legitimate the choices of the infant-juvenile literary works, our project "Twenty Reasons to Read" has been framed and implemented.

## *Um livro é um amigo*

Um livro é um amigo,  
um amigo verdadeiro.

Leva-me a viajar  
pelo mundo inteiro,  
não o vou abandonar.

No livro imagino  
um canteiro de flores  
com meninos a brincar  
a atirar a bola ao ar.

O livro conta-me histórias  
canções de embalar.

São dois bons motivos  
*para não o deixar.*

Daniela Filipa Pereira

7 anos

UNI Nuclisol Jean Piaget Vila Real

# ÍNDICE

Agradecimentos

Sumário

Abstract

Introdução _____	9
Organização do Estudo _____	12

## CAPÍTULO I

1. A Leitura _____	14
1.1. Leitura: Da Aprendizagem à Criação de Leitores _____	14
2. O P.N.L. _____	18
3. Formar Leitores _____	20
4. Desenvolver o Prazer de Ler _____	21
4.1. O Livro e a Criança em Desenvolvimento _____	21
4.2. O Papel do Adulto na Criação do Gosto pelo Livro e pela Leitura _____	25
5. Ler para quê? _____	28

## CAPÍTULO II

1. O Papel dos Mediadores na Formação de Leitores _____	36
2. Literacia e leitura. Que interacção? _____	38
3. Estruturas de Apoio à Literacia e Leitura _____	45
3.1. Plano Nacional de Leitura _____	45
3.2. Rede de Bibliotecas Escolares _____	50
3.3. Rede Nacional de Bibliotecas Públicas _____	51
4. Formação do PNEP _____	51
5. Contributos Legislativos _____	55

## **CAPÍTULO III**

1. O Projecto _____	59
1.1. Desenvolvimento do Projecto _____	60
1.1.1. Contextos _____	60
1.2. Conceito de Biblioteca _____	62
1.3. A Importância da Biblioteca no Espaço Escolar _____	64
1.4. Leituras e Bibliotecas Escolares _____	66
2. A Biblioteca Escolar/Centro de Recursos _____	67
2.1. Introdução: Caracterização da BE/CRE _____	67
2.2. Participantes _____	69
3. Os Objectivos do Nosso Estudo _____	69
4. Estratégias/Actividades _____	70
Nota Conclusiva _____	133
<b>BIBLIOGRAFIA</b> _____	<b>135</b>

## **ANEXOS**

# INTRODUÇÃO

## 1.1. ACTUALIDADE E RELEVÂNCIA DO TEMA A ABORDAR

A leitura está na ordem do dia e para os professores a Biblioteca Escolar apresenta-se, hoje, como uma mais valia ao serviço do ensino/aprendizagem. Mas, esta biblioteca não tem o perfil de antigamente cujo espaço não passava de uma sala cheia de livros, frequentada por alunos cujo professor faltava e que não tinham ou não sabiam para onde ir.

As bibliotecas são hoje espaços “vivos”, com dinâmicas próprias oferecendo uma panóplia de visões e conjunturas onde a disponibilização de livros e outros documentos, em variados suportes apela, constantemente, à leitura e à formação de leitores.

Todavia, nestes espaços de diálogo como lhes chamou Lino Moreira da Silva (2001) o Trabalho de Campo das bibliotecas escolares – o mais difícil de conseguir – terá de ser confiado aos professores e educadores em geral que têm obviamente de acreditar no valor formativo da leitura.

Assim, como docente da Escola Básica Integrada do Centro de Portugal, a exercer uma prática tão específica como a de professor bibliotecário, parece-nos de uma grande pertinência efectuar uma dissertação que venha contribuir para a dinamização da biblioteca e ainda para a nossa formação de leitores.

Todavia, o trabalho de mediador – professor bibliotecário – necessita da participação de toda a Escola e, obviamente, das famílias. Aliás, actualmente é indiscutível que a família tem obrigatoriamente de colaborar na educação dos seus educandos. O espaço da primeira socialização é a família. Ali se fazem as primeiras interacções e as primeiras aquisições. A escola necessita da família como a família necessita da escola no investimento de projectos comuns.

Assim sendo, reflectir sobre as possíveis relações que se podem estabelecer entre as famílias e a escola é um trabalho que necessita, de ano para ano, de um investimento renovado.

Em a Escola de Fantasia de Gianni Rodari (2003) são-nos apresentadas as várias funções que os contextos fora da escola podem apresentar. Diz-nos o autor:

Lo que los niños aprenden en la escuela representa la centésima parte de lo que se ilustran de los poderes, de los parientes, de los amigos, del ambiente físico y social en que crecen, de las calles, de la televisión, de los juegos, de los objetos y de todo y todos.

Concordando, indiscutivelmente, com Rodari parece-nos óbvio que a família deve participar intensamente em todas as actividades curriculares e extra-curriculares que a escola promove.

Todavia, em Vila de Rei os livros ainda não são presença assídua no quotidiano das famílias. Localizada no interior de Portugal, com carências que não cabe aqui enumerar, a leitura a par dos livros e das bibliotecas não têm sido consideradas como prioridades. A escola desempenha aqui o mundo da entrada na literacia das crianças, mas a população pouco o nada intervêm nesta dinâmica, pois têm outras prioridades cuja crise económica que se vive hoje não é alheia a toda esta problemática.

O trabalho que ora se apresenta tem fundamentalmente um macro objectivo: Formar leitores.

Como diz Lino Moreira da Silva, já citado, nunca é demais falar das finalidades da leitura para que a crença na sua prática possa desenvolver as populações em geral.

A leitura, diz-nos aquele autor, informa, transmite cultura, interage, proíbe, adverte, esclarece, ocupa, diverte, promove, desenvolve, oferece, responde...

Enfim esta enumeração é um nunca mais acabar de benefícios que a leitura nos pode trazer.

Formar leitores é uma prioridade da escola pois a leitura é transversal a todas as áreas do currículo. O aluno que lê regularmente desenvolve mecanismos de compreensão que lhe conferirão outras competências necessárias a todas as áreas do saber.

Mediante o exposto, os objectivos desta dissertação são os seguintes:

- Contribuir para a consciencialização da força da biblioteca escolar;
- Encontrar potenciais frequentadores daquele espaço, não só entre os alunos, professores como da população em geral;
- Desmistificar os espaços da biblioteca como cenários frios ou depósitos esquecidos;
- Promover o espírito crítico e de cidadania;
- Criar hábitos de frequência das bibliotecas escolares.

## ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO

Após a introdução, onde dissertamos acerca do valor da leitura como actividade transversal ao currículo e como motor de desenvolvimento de todo o ser humano, reflectimos sobre os objectivos que nos nortearam no início da presente dissertação.

Seguidamente escreveremos um quadro teórico alicerçado nos conceitos de leitura, nos conceitos de literacia(s) e ainda nos agentes da literacia como a escola, as famílias e as formações várias que têm dado uma ajuda na tentativa de superar as lacunas no que concerne à falta de leitura e de leitores.

Após o quadro teórico construímos o nosso projecto baseado nas vinte razões para ler, na tentativa de que a biblioteca se constitua como um espaço de saberes autênticos e cooperativos.

No final da investigação colocamos a bibliografia.

# Capítulo I

# 1. A LEITURA

## 1.1. LEITURA: DA APRENDIZAGEM À CRIAÇÃO DE LEITORES

Quando falamos de leitura, há pelo menos duas perspectivas que temos de encarar: a sua aprendizagem, por um lado, e a criação de hábitos leitores, por outro.

Se é verdade que da primeira depende claramente a segunda, não é menos verdade que sem a segunda a primeira ficará para sempre amputada. Numa e noutra importa perceber qual é o papel da Biblioteca Escolar, enquanto espaço de resposta às necessidades daí decorrentes.

Da consulta da vasta literatura disponível sobre o acto de ler resulta claro que é um processo complexo, de difícil definição, que exige aprendizagem sistemática e sistematizada. É um processo complexo porque é simultaneamente biológico, psicológico e social, abreviadamente, um processo biopsicossocial. É um **processo biológico** na medida em que pressupõe um determinado desenvolvimento do indivíduo anterior à aprendizagem da leitura, cuja estrutura cognitiva é condição *sine qua non* para que essa mesma aprendizagem possa ter lugar, mas é também posteriormente influenciada a nível do seu crescimento neuronal. É obviamente um **processo psicológico** que envolve compreensão, raciocínio, associação, comparação, julgamento e recriação. É, finalmente, um **processo social** porquanto pressupõe interacção com o outro. (Sardinha, 2005)

Saber ler implica, pois, quatro **capacidades** intrinsecamente interligadas, a saber:

a) A capacidade de transformar uma mensagem escrita numa mensagem sonora segundo leis bem precisas;

b) A capacidade de compreender o conteúdo da mensagem escrita;

c) A capacidade de julgar e apreciar o valor estético da mensagem;

d) A capacidade de recriar significado(s) de uma mensagem.

A estas quatro capacidades correspondem outras tantas **evidências** que caracterizam o Homem contemporâneo:

- a) O espírito crítico;
- b) Relacionamento;
- c) Adaptação;
- d) Autoformação.

A leitura assume-se, então, simultaneamente como uma actividade de formação pessoal e de socialização, independentemente do **modelo explicativo** que esteja na base da aprendizagem da leitura:

a) **Ascendente** – que parte do reconhecimento da letra/sílaba/palavra para a compreensão sequencial do texto;

b) **Descendente** – com a compreensão do texto de acordo com as experiências, conhecimento do mundo e expectativas do leitor, ou seja, aprende-se a ler, lendo;

c) **Interactivo** – da interacção dos dois modelos anteriores, sendo a compreensão gerada pelo leitor, sob o controle do estímulo impresso.

Na verdade, actualmente há tantas leituras quantos os tipos de leitor, os tipos de texto e os objectivos da leitura. O que vale por dizer que a leitura é uma actividade criativa e formativa, pelo que aprender a ler é, neste contexto actual, sinónimo de aprender a pensar. As operações mentais que o acto de ler implicam são basicamente de dois tipos:

1º - Descodificação, i.e., a interligação entre fonema/grafema e a correspondente imagem mental;

2º - Compreensão.

Sendo o primeiro tipo condição indispensável à concretização do segundo, este implica diferentes **níveis de realização**, a saber:

- a) Compreensão literal (reprodução fiel do significado explícito);
- b) Compreensão interpretativa (reconhecer o significado implícito);

- c) Avaliação (reacção crítica às mensagens recebidas);
- d) Apreciação (reacção emocional ao tipo de texto e às qualidades estéticas da obra);
- e) Criação (dar um novo significado à mensagem implícita). (Sardinha, 2005)

Ainda assim, há que contar com um outro factor, frequentemente desvalorizado, mas com impactos óbvios nos hábitos de leitura: a atitude para com a leitura. Esta só será bem sucedida se da parte futuro leitor houver desejo de aprender a ler e uma atitude positiva para com os livros. Não basta, por isso, ensinar a ler: é igualmente essencial ensinar a gostar de ler. Os afectos como nos diz Alberto Manguel são fundamentais na forma como interagimos com o texto.

[...] através de que alquimia se transformam as letras em palavras inteligíveis?  
Que se passa dentro de nós quando nos confrontamos com um Texto?  
Como é que as coisas vistas, as “substâncias” chegam até nós [...]. Que é na realidade o acto a que chamamos ler? (Manguel 1998: 40 cit. Sardinha, 2005)

Na escola, a promoção do gosto pela leitura depende em grande medida da existência de uma Biblioteca Escolar organizada, disposta de recursos actualizados e pessoal adequadamente formado, suficientemente dinâmica para envolver alunos, professores, auxiliares de acção educativa e encarregados de educação na dinamização da leitura. Tanto a criação do gosto pela leitura, como a desejavelmente consequente aquisição de hábitos de leitura dependem largamente de uma aprendizagem que só o contacto constante com os livros pode proporcionar. Os livros que cabem a cada leitor já foram escritos. A nós, educadores, professores, mediadores e animadores de leitura, bibliotecários cabe-nos fazer com que ambos se encontrem, de uma o mais rentável e harmoniosa possível.

Ora, é quase um lugar-comum ouvirmos hoje diversas vozes proclamar, quase em uníssono, a crise dos hábitos de leitura, desde os leitores mais jovens até aos adultos; e, concomitantemente, ouvimos comentar os reflexos negativos na etapa de formação escolar, ou mesmo ao nível do desempenho profissional e convívio social. A situação é (aparentemente) paradoxal, para só referirmos alguns dados mais ou menos avulsos, e com os olhos postos na realidade portuguesa. Senão, vejamos todo um conjunto de aparentes contradições...

Nunca os níveis de escolarização foram tão elevados como na actualidade, apesar dos problemas do insucesso e do abandono escolares; nunca como hoje alguns tipos de livros estiveram tão acessíveis economicamente a uma tão grande parte da população; nunca como agora os livros foram graficamente tão apelativos, desde as várias opções gráficas até às ilustrações; nunca como actualmente possuímos uma rede organizada de bibliotecas municipais e escolares; nunca como hoje dispusemos de bases de dados e de livros integrais através da web, ao alcance de milhões de potenciais leitores; enfim, nunca se editaram tantos livros como no nosso tempo. E, no entanto, continua-se a insistir na falta de leitura, como causa ou sintoma de uma crise educacional e cultural mais temível e mais profunda, que nos remete sistematicamente para o atraso económico e social em que vivemos.

Daí a premência da questão que muitos se colocam: perante este cenário, **o que justifica a dita falta de uma prática de leitura, efectiva e regular?** Desde logo, temos de ser ponderados e reconhecer que os hábitos de leitura nacionais de hoje talvez não possam ser comparados com os de outras épocas anteriores, porque nem sequer existem registos comparáveis. E quando sincronicamente se aproximam os hábitos de leitura dos cidadãos portugueses, em diversas faixas etárias, com os de outros países desenvolvidos, surge a interrogação de resposta nem sempre fácil: o que justifica este comportamento diferente dos

portugueses? Lemos efectivamente? O que lemos é o que deveríamos realmente ler?

De facto, sempre que se citam estudos e amostragens actuais, que pretendem provar que hoje os alunos do ensino secundário ou universitário não lêem ou lêem pouco, também devemos ter consciência da falácia argumentativa em que se pode incorrer quando se pretende comparar com o passado. Convém ter presente que, algumas décadas antes, os que estudavam nesses graus de ensino eram uma minoria, comparada com a enorme massa de alunos que hoje frequenta as escolas e as universidades. Por isso, para sermos rigorosos, em termos absolutos, lê-se mais agora do que no passado. Porém, isso não significa que não nos preocupemos com os índices de leitura nacionais, sobretudo quando, sincronicamente, se comparam os hábitos de países europeus, com os dos portugueses.

## **2. O P.N.L.**

Para além do papel decisivo do sistema de ensino apesar das grandes tensões vividas no momento actual, é geralmente reconhecida a importância da intervenção de outros sectores da acção governativa, que não o educativo, nomeadamente o da cultura, e de outros sectores económicos que não o público, em particular o não-lucrativo, na promoção da leitura. No sector cultural, a principal nota vai para o esforço continuado de alargamento dos concelhos abrangidos pela Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP) e do número de bibliotecas públicas, de acordo com critérios previamente definidos e que como sabemos são projectos relativamente recentes.

Concretamente no tocante à promoção da leitura (sempre excluindo as iniciativas centradas no sistema de ensino) há essencialmente três destaques a

fazer: o **Plano Nacional de Promoção da Leitura** (PNPL), da responsabilidade do organismo do Ministério da Cultura que tutela o sector do livro e das bibliotecas; o **PNL**; e o projecto da Fundação Calouste Gulbenkian, denominado **Casa da Leitura**.

Estes três projectos têm em comum procurar elevar os níveis de competência e de práticas de leitura (em particular de livros) entre as crianças e os jovens e procurar envolver diversos grupos satélite (e mediadores do livro e da leitura) em diversos contextos (com destaque para o escolar). Para além destes aspectos comuns importa ainda referir que, quanto aos adultos, os grupos-alvo se limitam, se não exclusivamente pelo menos em grande parte, aos reclusos.

A infância e a juventude são, sem dúvida, as idades em que a promoção da leitura mais se faz sentir. Esta é, como se viu ao longo do presente estudo, uma orientação que reúne grande consenso entre os promotores dos projectos, o que aliás também é discutível. A esse propósito Sardinha, (2007) fala num “salto” de leitura que prejudica as gerações que há muito deixaram a escola.

Em suma, trata-se de projectos que visam reforçar competências e hábitos de leitura entre os mais jovens, ainda em percurso escolar, que integram, com alguma probabilidade, o contingente dos que lêem (com maior ou menor regularidade). A inserção socioprofissional posterior ditará uma maior ou menor proximidade com a leitura, já que todos esses projectos necessitam obviamente de uma avaliação que só o factor tempo poderá ditar.

### 3. FORMAR LEITORES

Quem trabalha com crianças, particularmente professores e educadores, tem a clara responsabilidade de orientar o seu trabalho no sentido de transformar a escola numa comunidade de leitura, na qual o prazer de ler seja uma conquista fundamental, pois como já afirmámos a leitura está na base de todas as aprendizagens.

Colocar o prazer de ler no centro dos esforços da escola, para elevar os níveis de aprendizagem e o sucesso dos alunos, é determinante para os aproximar dos livros e da leitura, desde idades precoces como defende Sardinha (2005): desde o ventre da mãe.

É pois necessário transformar a escola numa comunidade de leitores, o que implica o envolvimento de todos os elementos da comunidade escolar, para além de professores e de alunos, nomeadamente de bibliotecários, de funcionários e de animadores, mas também das famílias e das autarquias.

Também o tempo destinado à leitura é um dado da maior importância para que os alunos adquiram hábitos e gosto pela leitura. Todavia, Sardinha (2007) alerta para o facto da urgência das mentalidades, pois se o professor não for um leitor assíduo e apaixonado, capaz de fazer do leitor um “ projecto de vida” não consegue ele próprio passar a mensagem do valor da leitura.

As orientações curriculares prevêm actualmente, um tempo específico orientado para a leitura e a escrita, centrado em livros, de géneros diversificados, ajustados aos interesses e aos níveis de competência linguística das crianças. Desde o Jardim de Infância se começa a falar de livros e leitura e o conceito de comportamentos emergentes em escrita e leitura abarca já estes cenários iniciais e formais de aprendizagem.

O contacto precoce com os livros e com a leitura na escola, designadamente nas salas de aula e nas bibliotecas escolares, em momentos de

leitura orientada e recreativa, é determinante para que as crianças construam, desde início, uma cultura de leitura, pois

a criação de uma cultura de leitura pressupõe que os alunos tenham oportunidade de escolher livremente livros para ler com prazer, o mais cedo possível, de modo a descobrirem as suas preferências literárias.

Com este fim, é essencial proporcionar um ambiente de leitura, no qual os livros sejam presença assídua, em que exista um trabalho efectivo de modo a criar nos alunos o gosto pela leitura, considerado determinante para alcançar melhores níveis de aprendizagem e melhores resultados escolares.

## **4. DESENVOLVER O PRAZER DE LER**

### **4.1. O LIVRO E A CRIANÇA EM DESENVOLVIMENTO**

O livro é um elemento imprescindível no desenvolvimento psico-linguístico e sócio-cognitivo da criança. Afirmo Lucette Savier que

[...] ao oferecerem uma unidade de tempo e de lugar diferentes da realidade, os livros permitem as representações mentais, ajudam a linguagem e o pensamento a estruturar-se. (Savier, Lucette, 1988:174)

Muito antes da leitura formal, o livro proporciona a leitura do mundo. A esse respeito diz-nos Marisa Lajolo cit. Sardinha (2007)

Do Mundo da leitura à leitura do Mundo, o trajecto se cumpre sempre, refazendo-se, inclusive, por um vice-versa que transforma a leitura em prática circular e infinita. Como fonte de prazer e de sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola." (Marisa Lajolo, 1994:1)

Ele surge para a criança como uma resposta viva à procura, à necessidade de explorar o que a rodeia, à necessidade de experiência para conhecer, de acordo com o seu estágio de desenvolvimento.

Nos primeiros meses o livro é antes de mais um objecto a descobrir pelos sentidos. O bebé agarra-o, acaricia-o, morde-o, folheia-o... e estas experiências sensoriais revelam-lhe muitas coisas do mundo e aguçam a sua curiosidade para novas descobertas.

Para o bebé ele é entendido como objecto lúdico com o qual começa a pouco e pouco a cimentar uma relação de afectividade.

Mas o livro tem muito mais para dar à criança.

A imagem torna-se no motor da descoberta da linguagem verbal. Através dela a criança sente o desejo de verbalizar, nomear, questionar, imaginar diálogos e, assim, significados e recorda outros, no fundo comunica.

A imagem transforma a criança em "leitora".

Ao Ler imagens a criança exercita a sua capacidade criativa para traduzir símbolos, reconhecer significados, nomear, enumerar e reagir. Apercebe-se, através do jogo de ligação entre palavra escrita e imagem, que há uma outra forma de comunicar e isto desperta-lhe o interesse pela escrita. (Sardinha,2006)

No campo da fantasia e da imaginação a imagem ganha uma importância significativa.

Uma imagem plástica, devido à sua abertura simbólica, pode ser o meio e o instrumento desencadeador de múltiplos actos de imaginação e de experiências oníricas fundamentais. (Duborgel, Bruno, 1992)

Neste universo, assume também particular importância o livro de histórias, pois através delas a criança alimenta a sua necessidade de maravilhoso

[...] um maravilhoso credível aos seus olhos, contrariamente aos adultos, a criança não procura no fantástico uma evasão do real, mas um alargamento do seu real. (Shnidzer, Luda, 1988:71)

A história desenvolve a linguagem, o vocabulário, a imaginação, a curiosidade e a emoção, dando assim à criança um sentido diferente de adaptação à realidade, que esta pode integrar de forma mais ou menos intensa, construindo-se como pessoa (Sardinha,2008). Através da(s) história(s) a criança "apropria-se" dos conflitos ajudando-a a resolver os seus.

Nesta linha o contributo do conto tradicional é fundamental. Ele atrai irresistivelmente a criança e revela-se num importante factor que influencia a sua formação e desenvolvimento, uma vez que de forma imaginária e simbólica, ele

[...] revela os dramas e simultaneamente as «soluções» da vida psicológica em evolução..."(Duborgel, Bruno, 1992)

De facto, como atrás afirmámos, o conto retrata a resolução de conflitos e dilemas e permite uma identificação com os personagens (que muitas vezes são crianças) que conseguem ultrapassar tudo isso com luta mas, com sucesso, dando assim à criança a noção de que também ela pode ultrapassar os seus conflitos.

Podemos mesmo apontar ao conto um efeito terapêutico, na medida em que ele deixa trabalhar o inconsciente e a imaginação. Mas o conto desempenha também outro papel importante, pois ao apresentar valores que regem e sustentam a nossa sociedade, dá à criança a garantias de pertencer a essa mesma sociedade. Aliás, como refere Sardinha (2009) este tipo de narrativas ajuda a criança a construir a sua. A autora, na recente conferência no âmbito do P.N.L., no Agrupamento de Escolas da Covilhã (1) dizia que construímos a nossa narrativa à medida que exploramos e ouvimos a dos outros. Desde que

nascemos até que morremos, assim é a nossa narrativa, sempre, sempre imperfeita.

A pouco e pouco, a criança vai-se apoderando dos conteúdos e situações que o livro lhe apresenta e com eles se identifica, descobrindo o seu próprio mundo e o dos outros.

Favorecendo a comunicação e a partilha de experiências, o livro funciona também como meio de socialização. Respondendo às necessidades e anseios da criança, ele tornar-se-á num objecto amado e assim ela enfrentará facilmente a aprendizagem da leitura formal.

Conforme afirma Roland Cause,

é antes da entrada na escola primária que se prepara a aprendizagem da leitura. (Cause, Roland, 1988:7)

De facto, a criança que contacta com o livro desde a primeira infância, estará certamente bem mais preparada para a leitura formal, pois sente vontade de dar um passo novo na já longa caminhada de descobertas e vivências que o livro lhe ofereceu.

A necessidade da leitura é com efeito inseparável da vontade de tomar na mão a sua própria vida e o seu saber. (Patte, Geneviève, 1988:167)

Ler é de facto como que um estado de maioridade que a sociedade confere à criança.

Nesta fase correm-se contudo alguns grandes riscos, tais como, a enorme pressão para a aprendizagem da leitura que gera desmotivação e a demasiada "escolarização" do livro que põe de lado o livro imaginário, deixando para trás, vivências e fantasias tão necessárias ao mundo da criança.

Importa pois, não ultrapassar etapas, nem desfazer sonhos.

No caminho da descoberta do livro não há etapas mais importantes mas sim complementares que, pouco a pouco vão enriquecendo o potencial de

aprendizagens e vivências que ele possibilita. Não há pois livro ou livros únicos como afirma Borges (cit. por Rodrigues, 2007: 103).

Em alguma estante de algum hexágono ( raciocinaram os homens) deve existir um livro que seja a chave e o compêndio perfeito de todos os demais: algum bibliotecário consultou e esse é análogo a um deus. Muitos peregrinaram à procura d'Ele... Durante um século trilharam em vão os mais diversos rumos. [...] Então alguém propôs um método regressivo: para localizar o livro A, consultar previamente o livro B, que indique o lugar de A; para localizar o livro B, consultar previamente um livro C e assim até ao infinito...

#### 4.2. O PAPEL DO ADULTO NA CRIAÇÃO DO GOSTO PELO LIVRO E PELA LEITURA

Um inquérito sociológico aos *"hábitos de leitura em Portugal"*, realizado pelo Instituto Português do Livro em 1992,

revela que mais de 6,5 em cada 10 dos indivíduos socializados na infância com a leitura directa lêem hoje cumulativamente. Isto é, a grande maioria dos inquiridos a quem os pais ou família liam quando crianças, constituem hoje o restrito grupo dos grandes leitores de livros, revistas e jornais. (Nunes, B. Henrique, 1996: 162)

Esta constatação confirma a importância do papel dos pais na criação do gosto pela leitura. De facto são eles os intermediários naturais e privilegiados, na relação da criança com o livro.

Proporcionar o contacto e a exploração do livro é tarefa a que os pais não se devem alhear.

Nos momentos conjuntos em torno de um livro há proximidade, cumplicidade e ternura. Um mundo de afectos que brota em palavras e imagens, descobertas e sensações que conferem ao livro valor e estatuto por parte da criança.

É exemplo salutar o ritual da leitura de um conto antes de a criança adormecer pois, proporciona um momento de prazer partilhado e uma cumplicidade terna entre pais e filhos que jamais se apagarão.

Os pais que oferecem livros aos seus filhos desde muito cedo ou que de outro modo proporcionam o contacto com eles, são os primeiros a criar o gosto e o prazer do livro e da leitura.

Estas atitudes exigem sensibilidade e formação e aí, educadores e professores deverão intervir no sentido de alertar e informar os pais para a importância do seu papel.

É urgente apagar a ideia ainda enraizada de que o livro é importante enquanto objecto escolar e só para aqueles que já sabem ler ou estejam em idade dessa aprendizagem. O maior trunfo desta luta está nas mãos do educador de infância que, ao trabalhar o livro com as crianças dará a conhecer as suas inúmeras potencialidades.

O educador torna-se pois, um elemento chave na criação do gosto pelo livro e pela leitura. Assim ele deverá criar condições para uma verdadeira vivência do livro:

- Trabalhando-o em todos os domínios e ao nível de todas as expressões.
- Levando a criança a questionar, a pesquisar, a imaginar, a criar e a expressar emoções.
- Dedicando a cada criança um espaço e um tempo para ler.
- Escolhendo os livros adequados ao seu grupo, segundo critérios de estética literária e plástica.
- Tornando a área dos livros num espaço rico e cativante, capaz de despertar interesse e curiosidade.
- Proporcionando o contacto com vários tipos de livros.
- Proporcionando visitas à biblioteca, dando-a a conhecer como espaço de recreio, encontro e cultura.

- Realizando um trabalho de parceria com a escola, a família e a comunidade.
- Criando, em casa, verdadeiros espaços de leitura cujo o acto de ler, exige também a apropriação do espaço físico como seja uma simples mesa de leitura que a criança considere sua.

Solé (2001), a propósito das interacções em casa, propõe uma série de actividades, que pela sua simplicidade, cabem nesta parte do nosso trabalho. Desde a leitura dos títulos dos jornais, levando a criança à adivinhação do conteúdo do texto, à leitura de receitas culinárias onde a mãe lê e a criança diz por outras palavras, aos resumos quer orais quer escritos do quotidiano de cada um, à partilha de leitura feitas, assim, de modo tão simples, se vão construindo comunidades de leitores.

Conforme afirma Nadine Galifet-Granfon

o papel do educador de infância não é o de ensinar a ler mas o de familiarizar as crianças com as escritas reais, variadas; de as ajudar a utilizar estas escrita, a construir comportamentos de leitores, a tornar a leitura uma actividade desejável. (Granfon-G., Nadine, 1988:34)

Viver o livro é pois muito mais do que saber ler, é aprender a gostar de ler.

Se este caminho passa em muito pela família e pelo jardim-de-infância, não deverá contudo ficar por aqui. Mas repetimos, o professor deve ser um bom leitor.

Cabe à escola e em particular ao professor do 1º ciclo, a missão de desenvolver um novo domínio - a leitura e a escrita formal. Todavia, o seu papel ficaria bastante diminuído se a isso se limitasse. A tarefa é certamente exigente e gratificante, mas pode não conseguir o gosto pela leitura, pois como já vimos este é um processo bem longo que exige ser continuado e sistematizado e para tal é necessário que o professor tenha a ousadia de

trabalhar o livro numa outra dimensão - a da emoção da imaginação e da fantasia. Neste âmbito, um trabalho de parceria com o jardim-de-infância será particularmente vantajoso e por isso, nele se devem empenhar professores e educadores. De facto, a transição do jardim para o primeiro ciclo poderá não ser tão “leve” como frequentemente se pensa. Pelo contrário, deve ser vista como um percurso que embora pareça natural requer muitas exigências. Assim, grave erro seria pensar que o caminho está percorrido, pois o estado e a sociedade civil tudo deverão fazer para proporcionar à criança respostas acessíveis e cativantes, tais como, a edição de livros a preços acessíveis e a criação e dinamização de Bibliotecas.

Fazer viver a leitura é colocar o livro na vida da criança, sem o limitar à aprendizagem e ao espaço escolar. (Saviez, Lucette, 1988:65)

## 5. LER PARA QUÊ?

No seu “ Elogio do livro e da leitura em tempos de crise”, J. Cândido Martins (2007) diz que haverá certamente tantos motivos ou razões justificativas da leitura quantos os leitores ou as situações de leitura.

O autor procura elencar algumas dessas motivações, numa tipologia sem preocupações exaustivas, mas conduzida por objectivos evidentes – construir uma sentida apologia do acto da leitura. Ao interrogar-se sobre os motivos que levam os leitores da actualidade e do passado a sentirem a necessidade da leitura, J. Cândido Martins encontra respostas diversas e complementares. **Afinal, lê-se para quê?**

**Lê-se como forma de desenvolvimento da inteligência humana**, uma vez que a actividade da leitura, enquanto forma de comunicação diferida, exercita múltiplas capacidades e aptidões do ser humano. Estudos mais ou

menos recentes, como os de Vicent Jouve, descrevem as múltiplas facetas da leitura como actividade complexa e plural, pois se trata de um processo simultaneamente neuro-fisiológico (operação de percepção de signos), cognitivo (actividade de compreensão), afectivo (emoções desencadeadas), argumentativo (potencialidade ilocutória) e simbólico (relação com a cultura e o imaginário).

**Lê-se para alimentar uma congenial fome de imaginário, uma necessidade inata de histórias e das emoções correspondentes**, pois o homem é um animal efabulador por natureza, como lembra Umberto Eco, já que têm necessidade de ouvir e de contar histórias, desde o nascimento até à morte.

**Lê-se**, entrando sobretudo nos intermináveis bosques da ficção, **para viajar no tempo e no espaço, para sonhar outras vidas e outras psicologias, outras culturas e outros mundos, pela fascinação do estranho**, como meio de auto-conhecimento e de reencontro consigo mesmo (Emerson), pelo poder modelizante dos universos narrativos e dos seus sedutores protocolos ficcionais.

**Lê-se pela sedução da experiência estética, pela capacidade que certas criações têm de nos emocionar e de despertar sentimentos** -«Lecture, mon doux plaisir» (Paul Moran) -, **de libertar e de comover pela beleza e harmonia da sua composição**, numa magia encantatória que nos leva à frequente releitura, marca indiscutível das obras a que chamamos «clássicos». Aliás, nunca repetimos a mesma leitura do mesmo livro, porque somos sempre diferentes no acto concreto da leitura.

**Lê-se para aumento do domínio da linguagem e das suas criações**, enquanto poderoso e incontornável instrumento de comunicação humana, uma vez que a nossa comunicação é eminentemente linguística e logocêntrica: «A riqueza léxica, a argumentação, a explicação, a expressão dos próprios sentimentos, a compreensão dos alheios, a liberdade de pensamento, adquirem-se pela leitura»,

Só nas últimas décadas o processo da leitura tem sido objecto de estudos, nas suas múltiplas facetas, a partir de várias perspectivas, sobretudo cognitiva, pedagógico-didáctica, linguística e teórico-literária. Isso não significa necessariamente que o leque de leituras do ser humano se circunscreve a certos modos ou géneros literários (narrativa, teatro e poesia), alargando-se antes a diversos tipologias de géneros e de discursos, desde o literário ao não-literário (biografia, crónica, história, filosofia, ensaio, documentário, ciência, etc.).

**Lê-se para nos expressarmos melhor**, oralmente e por escrito, para comunicar e argumentar de forma mais correcta e clara, com maior eficácia e persuasão, para fundamentar melhor as nossas ideias e pontos de vista, numa lição de maturidade e de civismo na convivência quotidiana: «Como dizia Popper, convém que as opiniões se enfrentem para que não tenham que enfrentar-se as pessoas»<sup>17</sup>. Um homem lido é certamente um cidadão mais maduro e mais livre.

**Lê-se para termos opiniões e para tomarmos decisões, para estarmos mais informados sobre o que nos rodeia**, sendo deste modo a leitura uma fonte insubstituível de instrução e desenvolvimento do sentido crítico; a maturidade e evolução de uma democracia mede-se pelo tipo de informação e pela capacidade judicativa das pessoas, pelo que a leitura está indissociavelmente ligada ao pleno exercício da cidadania, e esta não se coaduna com preocupantes taxas de iliteracia.

**Lê-se para superar a ignorância e tomar consciência do valor da liberdade de pensamento e da capacidade do ser humano para pensar ilustradamente pela sua cabeça** (Kant) -não é por acaso que, mais no passado que no presente, certos poderes ditatoriais ou religiosos demonizaram e proibiram mesmo, de modo fundamentalista, prática da leitura de certos livros, ou os queimaram em praça pública.

**Lê-se por acreditar na força social do livro, da informação e da literatura em particular**. Ao longo dos tempos, a escrita sempre teve um poder

de transformação prometaica das consciências, das mentalidades e da realidade social, tendo desempenhado um papel determinante em grandes momentos como revoluções históricas. Fiel a uma ideia de compromisso social, a literatura em geral ou a chamada literatura de ideias (ensaio, filosofia, textos doutrinários) estiveram ao serviço de causas -arte social ou empenhada -, com maior ou menor sentido de missão e de militância social ou ideológica, por oposição à arte pela arte<sup>19</sup>.

**Lê-se para descobrir constantemente a expressividade da linguagem**, as suas ilimitadas capacidades metafóricas e simbólicas, num processo de auto-alimentação constante: desde os leitores mais jovens, quanto maior é quantidade de leituras, maior é a capacidade de compreensão e mais apetrechada se mostra a capacidade crítico-hermenêutica.

**Lê-se para enriquecimento da memória**, porque afinal os livros ou outros suportes são veículos de informação ou guardiões de uma sabedoria que se pretende guardar - como diziam os latinos, em conhecido provérbio, «Verba volant, scripta manent» (As palavras voam, o escrito permanece). Falando em memória, os livros sempre falam de outros livros, num permanente diálogo intertextual, configurando uma biblioteca interminável que nos lembra as criações alegóricas de Jorge Luís Borges ou Umberto Eco.

**Lê-se para atingir certas epifanias e alcançar a serenidade** (como inscrito nos vitrais da catedral de Winchester: «Study to be quiet»), o mais das vezes como acto silencioso, solitário e íntimo, embora o livro constitua uma solidão a dois, um companheiro com que se pode sempre contar nos momentos mais diversos -«É um silêncio vibrante e uma solidão povoada pela vida da palavra»<sup>22</sup>. Mas é uma quietude fortificante, que alimenta e fortifica o intelecto. Já há muito tempo se repete que a leitura constitui o alimento do espírito humano.

**Lê-se por obrigação ou por razões profissionais** - desde os alunos em idade escolar aos profissionais de diversas áreas (professores, advogados,

jornalistas, etc.). É consabido que o carácter «obrigatório» da leitura se é cumprido pelo leitor adulto no âmbito dos seus afazeres profissionais, já se torna mais problemático e desafiador no contexto educativo da escola, onde as leituras impostas aos mais jovens pelos programas curriculares encontram algumas resistências naturais que é urgente superar.

**Lê-se pelo prazer de contrariar interditos e proibições**, mais no passado do que no presente, e também mais em certas etapas da vida do que noutras. Como comprovam múltiplas memórias de leitores célebres ou comuns, toda a interdição, seja moral ou de que natureza for, sempre funcionou como elemento motivador da leitura. Afinal, o fruto proibido é sempre mais apetecido...

**Lê-se também como simples passatempo, como forma de divertimento, de evasão e de refúgio**, para passar o tempo nas mais diversas situações quotidianas (em momentos livres do dia, à noite, em férias, etc.). Este agradável *dolce far niente* ou ócio criativo da leitura despreocupada pode constituir um dos mais interessantes ocupações, naqueles momentos em que não apetece fazer mais nada.

**Lê-se por imitação de outros leitores** - pais, professores, intelectuais, figuras públicas, amigos, etc., cujo exemplo ou obra admiramos. Desde criança que o ser humano nasce e se desenvolve através de uma tendência inata para a imitação de comportamentos ou atitudes. Neste como noutros domínios, certos exemplos movem muito mais do que belos discursos.

**Lê-se por amor ao livro como objecto físico e artístico**, pela sedução do seu aspecto gráfico (capa, *design*, tipo de letra, ilustrações, etc.), do toque do seu papel, do cheiro que dele emana, como os amantes do livro sempre experimentam, a começar pelos bibliófilos e pelos coleccionadores.

**Lê-se para fundamentar determinadas leituras crítico-interpretativas**, sabendo que nem todas as interpretações de um texto são possíveis, como o demonstram vários estudiosos. Há uma ética da leitura que leva a desenvolver interpretações legitimadas pelo texto, dentro de uma pluralidade limitada.

**Lê-se por acreditar ainda na imortalidade da palavra escrita perante a inexorável passagem do tempo** (*ars longa, vita brevis*), sobretudo na perenidade de certos géneros criativos (da literatura à filosofia), cuja letra é um monumento mais perene que o bronze, para evocarmos o célebre axioma horaciano; por acreditar na autoridade (*auctoritas*) dos admirados clássicos antigos e modernos, lidos com atenção apaixonada, e cuja maior prova de amor é saber *de cor* (saber pelo coração), ainda que parcialmente<sup>24</sup>.

**Lê-se, *last but not least*, por influência da crítica literária;** ou, mais ainda, por pressão da publicidade, uma vez que o livro (tal como outros suportes de leitura e de informação) é cada vez mais uma mercadoria cultural, sujeito às leis da oferta e da procura. Assim sendo, é promovido por organizadas campanhas de marketing promocional da indústria livreira, através dos influentes *mass media*, com destaque para a imprensa, televisão e internet, com todas as consequências conhecidas dessas formas persuasivas de promoção, massificada, mediática e sob o signo da moda efémera.

A preocupação por esta suposta crise de leitura afecta outros países.

A Fundação Germán Sánchez Ruipérez de Salamanca, aquando do seu vigésimo aniversário, apontava vinte diferentes motivos para ler. Não devemos esquecer que esta Instituição, ao estabelecer parcerias com escolas de todos os ciclos de ensino até à universidade e com a sociedade civil, tem um papel espantoso na promoção da leitura, quer em Espanha, quer além fronteiras, nomeadamente nos países da América Latina.

Vejamos as vinte razões que devido ao facto de fundamentarem as estratégias que adiante apresentamos, merecem aqui um especial destaque:

“Y TÚ, POR QUÉ LEES?”

para saber...		
	para viajar...	para releer...”
para conocer...		
	para llorar...	para ser artista...
para descubrir...		
	para cantar...	para jugar...
para pasar el tiempo...		
	para soñar...	para amar...
para reír...		
	para viajar a otro tiempo...	para contar...
para hacer amigos...		
	para vivir aventuras...	para dormir...
para pasar miedo...		
		para emocionarse...

(Fundación Germán Sánchez Ruypérez)

Em suma, na história da humanidade, a leitura sempre foi e deve continuar a ser uma actividade que envolve múltiplas e insubstituíveis faculdades. Os prazeres e os proveitos da leitura são igualmente plurais e indispensáveis: **lemos para saber e estar informados; lemos para conhecer e dominar a língua; lemos para compreender e para reflectir; lemos para interpretarmos e sentirmos emoção estética; lemos para comunicar e para partilhar; lemos para ajuizar e para argumentar; lemos para nos comovermos e para sonharmos; lemos para sermos cidadãos mais habilitados a exercer os seus direitos e deveres; lemos para conhecer o mundo, os outros e a nós próprios; lemos porque só assim o texto alcança uma existência comunicante e significativa** ( Sardinha, 2007, 2008).

# Capítulo II

# 1. O PAPEL DOS MEDIADORES NA FORMAÇÃO DE LEITORES

O leitor não nasce, faz-se, e por isso a importância do mediador.

Cerrillo (2006:35)

Qualquer um de nós se deve assumir como um mediador de leitura. De facto, o papel do mediador é muitas vezes desempenhado por adultos, que actuam como ponte entre o texto, facilitando ideias e caminhos de leitura, ou indicando e auxiliando na escolha de textos (sendo o primeiro o receptor). Os leitores na fase da infância ou adolescência (segundos receptores) deverão ser auxiliados tendo em conta as suas capacidades de compreensão leitora e de recepção literária.

- **Principais funções do professor mediador**, segundo Cerrillo (2006:37):
  - criar e fomentar hábitos leitores estáveis;
  - ajudar a ler por prazer, diferenciando claramente a leitura obrigatória da leitura voluntária;
  - orientar a leitura extra-escolar;
  - coordenar e facilitar a selecção de leituras segundo a idade e os interesses dos seus destinatários;
  - preparar, realizar e avaliar animações da leitura.
  
- **O mediador não é pois uma pessoa qualquer. Vejamos algumas características de um mediador**, segundo Cerrillo (2006:38):
  - ser leitor habitual;
  - partilhar e transmitir o prazer pela leitura;

- ter conhecimento do grupo e das suas capacidades para promover a sua participação;
- ter uma certa dose de imaginação e criatividade;
- crer firmemente no seu trabalho de mediador: compromisso e entusiasmo;
- ter capacidade para aceder a informação suficiente e renovada;
- possuir uma formação literária, psicológica e didáctica mínima, que lhe possibilite, entre outros, conhecimentos sobre:
  - a) o processo leitor e as técnicas que facilitam a leitura;
  - b) um certo cânone de leituras literárias: obras que podem constituir uma iniciação na formação literária da criança, à margem das leituras escolares que fazem parte do currículo;
  - c) a teoria e a prática de técnicas e estratégias de animação leitora;
  - d) a Literatura Infantil e os seus mecanismos editoriais;
  - e) a contextualização histórica da Literatura Infantil;
  - f) a evolução psicológica do indivíduo na relação com a sua leitura;

O mediador deverá ter em conta as características psicológicas e sociais do leitor; o seu nível de leitura e compreensão leitora; as variáveis do contexto onde se estabelece a relação livram/leitor e as características do livro. Em resumo, o mediador deve conhecer bem o terreno onde medeia. Assim, em contexto de sala de aula, deve o professor conhecer muito bem os seus alunos, para na senda da leitura, fazer deles leitores activos e interventivos na sociedade onde se inserem.

Um livro tem de ser a picareta para o mar gelado dentro de nós.

(Kafka)

## 2. LITERACIA E LEITURA. QUE INTERACÇÃO?

A palavra Literacia entrou, recentemente, no dicionário dos portugueses. Ainda num passado recente era o vocábulo alfabetização que apontava índices que hoje se enquadram nos cenários da Literacia. O que é então a Literacia?

Literacia, definida no PISA, é a capacidade de cada indivíduo compreender, usar e de reflectir sobre os textos escritos, de modo a atingir os seus objectivos, a desenvolver os seus próprios conhecimentos e potencialidades e a participar activamente na sociedade (M.E., 2001). Ora, como diz Sardinha (2007) ninguém pode ter um carácter interventivo na sociedade se não estiver informado, se não for culto, se não for um leitor crítico, activo e proficiente. Literacia e leitura estão de mãos dadas na sociedade actual.

Como defende Weisz, numa entrevista que deu a Cavalcante (2001), há analfabetos funcionais com muitos anos de escolaridade. Formar leitores e indivíduos capazes de escrever é uma tarefa de todos na escola e em todas as disciplinas e anos de escolaridade. A leitura e escrita são o conteúdo central da escola e têm a função de incorporar na criança a cultura do grupo onde ela vive. Isso significa dar a todos oportunidades iguais. Para tal, é necessário disseminar práticas que promovam essa igualdade, lendo, discutindo, trocando ideias, vendo o que cada um entendeu e pesquisando em fontes diversas. É preciso tornar o texto familiar, conhecer as suas características e trazer para a sala práticas de leitura do mundo real. Se a função da escola é dar instrumentos para o indivíduo exercer a sua cidadania, é preciso ensinar a ler jornais, literatura, textos científicos, de história, geografia, biologia... Consegue ler bem, quem teve algum tipo de oportunidade fora da escola. Os que dependem só dela são os analfabetos funcionais. Isto acontece porque a escola parece não compreender claramente a sua função, ou melhor ainda a escola não pode

cingir-se ao muro que a rodeia. A Escola e a sociedade devem partilhar interesses comuns.

A deficiente compreensão leitora está interligada com os hábitos de leitura e, conseqüentemente, o fortalecer da prática leitora exige, desde a primeira infância, um contacto estreito e continuado com a literatura. O ensino da leitura requer, deste modo, a literatura como instrumento fundamental para o desenvolvimento das respectivas competências de leitura. Não é possível separar o ensino da leitura literária e esta deve ser introduzida no processo educativo, como prática quotidiana, mesmo antes da aprendizagem formal, ideia corroborada por Azevedo (2006).

Se os estudantes que dedicam mais tempo a ler por prazer tendem a ser melhores leitores, tal significa que a literatura, enquanto leitura, deve ser entendida como um instrumento para o desenvolvimento de competências específicas de leitura que possibilitem o acesso à leitura enquanto compreensão e chave do conhecimento.

São essas competências, que suportam a definição de literacia da leitura da OCDE, que ultrapassam a mera descodificação e compreensão linear e que possibilitam o acesso à leitura enquanto compreensão e chave do conhecimento.

Nesta perspectiva, promover a leitura é aproximar de uma forma continuada e regular o leitor, ou potencial leitor, do livro e da leitura literária, deitando mão a estratégias que induzam ao prazer lúdico de ler e aprofundem, simultaneamente, a leitura: facilitando o acesso ao significado implícito e levando o leitor a realizar inferências de nível superior que lhe permitam o acesso à compreensão e à avaliação crítica do lido.

Esta concepção de leitura, como compreensão, e do processo cognitivo complexo que lhe subjaz, este entendimento do leitor, como o construtor de sentido, e da literatura, como instrumento da capacitação leitora, tem de ter necessariamente reflexos no perfil de competências, na atitude e na actividade

desenvolvida por professores e bibliotecários enquanto mediadores de leitura. Devemos ainda ressaltar que a leitura exige práticas que vão para além da Escola. Mesmo aqueles, que por razões várias, deixam de frequentar a Escola mais cedo do que o previsto devem continuar a ser leitores.

Procurando fundamentar a emergência de medidas no combate à iliteracia, iremos apresentar de forma sumária os resultados de estudos sobre literacia e enumerar estratégias adoptadas para a resolução de situações críticas diagnosticadas

Em 1990-91, um primeiro estudo mundial, “The Evaluation of Educational Achievement” (IEA), em que participaram 32 países, incluindo Portugal, revelou os resultados de testes de literacia e compreensão da leitura aplicados a alunos de 9 e 14 anos.

Portugal ficou colocado nos últimos lugares da escala, especialmente no que respeita à população de 9 anos, isto é, ao 4º ano de escolaridade. Os jovens de 14 anos que nesse ano de 1990-91 frequentavam a Escola Portuguesa ficaram um pouco mais acima na escala, mas, mesmo assim, em lugar muito pouco confortável. O director mundial deste estudo, Warwick Elley (1992) (cit. Sequeira, 2002) justifica os maus resultados de Portugal (25º) pelos poucos investimentos na educação, nomeadamente no equipamento e conforto das escolas, pelos baixos níveis de literacia adulta e pela baixa frequência de estruturas pré-escolares.

Em 1995, Ana Benavente e colaboradores apresentaram o primeiro grande estudo sobre iliteracia efectuado em Portugal, apoiado e editado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pelo Conselho Nacional de Educação. Incidiu sobre a população activa, entre os 15 e os 64 anos e confirma as dificuldades em que se movimenta uma grande parte da população nas tarefas do quotidiano que exigem competências de leitura, escrita e cálculo.

Verificou-se que a maior parte da população adulta portuguesa (maiores de 15 anos) atingiu níveis de literacia bastante reduzidos:

Analfabetismo literal - 10,3% não conseguiu usar leitura nem escrita;

Analfabetismo funcional - 70% só conseguiu usar estas competências para resolver tarefas simples;

- 7,9% dos inquiridos demonstrou um domínio completo da leitura e da escrita.

Em 1998, a OCDE levou a cabo o estudo Literacia na Era da Informação, o público-alvo era o mesmo, nível de iliteracia 77%.

Em 2000 e 2003, a OCDE realizou os estudos PISA. Os resultados referentes ao inquérito de 2000 são similares aos resultados de 2003. O estudo tinha como público-alvo os alunos de 15 anos integrados no sistema de ensino. As competências leitoras foram aferidas numa escala de 1 a 5, correspondendo ao nível três a aquisição das competências mínimas de leitura. Resultados:

- 52% dos alunos portugueses de 15 anos não possuem as competências mínimas de leitura, quer isto dizer que:

[...] são incapazes de relacionar segmentos de informação dispersos no texto, integrar diversas partes de um texto para identificar a ideia principal, estabelecer relações a propósito de um elemento do texto, ou comparar, explicar ou avaliar uma característica do texto e compreender o texto graças a conhecimentos correntes. (PISA/OCDE/2000 in M.E. 2001)

- A média portuguesa situa-se abaixo da média da OCDE e muito distanciada dos valores dos países que obtiveram melhores classificações.

- Apenas 25% ficam acima do nível 3 e só 4% atingem o nível 5.

- 10% não atingem o nível 1, são alunos de risco e praticamente analfabetos.

Se acrescentarmos a estes dados os cerca de 8 a 9% de analfabetos puros e duros (cerca de 850 000 pessoas), o facto de Portugal ter a maior taxa de

abandono escolar da Comunidade Europeia, só pouco mais de 20% dos nossos alunos concluírem o secundário e de 80% dos empresários portugueses terem no máximo o 9º ano de escolaridade, percebemos que a situação é grave e que necessitaria de uma intervenção estratégica de fundo e politicamente sustentada.

Foi o caso da Dinamarca que, em 1991, ficou três pontos abaixo de nós na população de 9 anos e que considerou os resultados um escândalo e quase uma catástrofe nacional.

No estudo PISA 2000, a Dinamarca ultrapassou-nos em larga escala e ocupa um lugar confortável na seriação. A Irlanda é outro exemplo de uma passagem de lugares periféricos para os primeiros lugares da escala.

Portugal, apesar de ter diminuído a taxa de analfabetismo de 11% para 9% no período 1991-2001, continua a ter uma das mais elevadas e posiciona-se, invariavelmente, ao lado de outros países com níveis de escolaridade mais baixos, designadamente para a população com idades situadas entre os 25 e os 64 anos (Ramalho, 2002; OECD, 2006).

Quanto à evolução das taxas de leitura por suporte (livros, revistas e jornais), de acordo com o estudo *A Leitura em Portugal* (Santos, Neves, Lima e Carvalho, 2007), constata-se que tem vindo a diminuir a percentagem de não-leitores (ou seja, aqueles que não lêem nenhum dos três suportes referidos), reflectindo-se principalmente no aumento das taxas de leitores de jornais. Esta tendência é contrária à da generalidade dos países europeus, mas tal facto deve-se aos fracos patamares de partida no caso português. Ou seja, tal como na evolução dos níveis de qualificação escolar, a evolução positiva registada é ainda insuficiente para alcançar as taxas registadas noutros países. Isto é particularmente notório quanto à leitura de livros (sem serem escolares ou profissionais), em que Portugal surge em último lugar tendo em conta os actuais 27 países que compõem a União Europeia (EUROSTAT, 2007).

Da análise dos resultados do estudo *A Leitura em Portugal*, Ramalho conclui que do ponto de vista das políticas de promoção da leitura, é possível identificar dois perfis sociais predominantes a que poderão corresponder duas orientações distintas:

- uma no sentido da rentabilização da leitura junto daqueles cujo perfil é mais favorável – as mulheres, os mais escolarizados, os mais jovens, os estudantes e, quando activos, os profissionais técnicos de enquadramento e, de certo modo, também os empregados executantes;
- uma outra orientação no sentido do aumento dos níveis de leitura entre aqueles que estão mais distantes da sua prática – os homens, os menos escolarizados, os mais idosos, outros não activos que não os estudantes e, quando activos, os operários.

Para Rui Marques Veloso (cit. Prole, 2005), a realidade das nossas escolas deve--nos deixar seriamente preocupados, pois numa percentagem muito significativa a leitura literária ou está completamente ausente, ou é uma actividade casuística. Num país com uma taxa de analfabetismo funcional assustadora entre a população activa, onde o livro está ausente e a leitura desvalorizada no seio familiar, esta conjuntura significa que muitas das nossas crianças acabam a escola primária sem nunca terem lido ou sequer escutado uma história. Limitaram-se à famigerada leitura de excertos, seguida de uma série de exercícios para o treino das funcionalidades básicas da língua. Nunca aprenderam a primeira das regras do jogo da leitura, essa intimidade interactiva entre o leitor e o autor, e não o aprenderam, não porque não possam ler, mas porque os livros que lhe deram, não incluíam essa necessidade de se ocuparem com o que o autor não menciona.

Leopoldina Viana (2002:47), no seu livro *Avaliação da leitura no 1º Ciclo do Básico: contributos para a validação de um instrumento de avaliação*, afirmou:

As propostas de trabalho apresentadas às crianças durante as actividades lectivas, contemplam, sobretudo, questões que implicam respostas utilizando verbatim (perguntas do tipo literal sobre a informação explícita no texto) (...) este tipo de estratégia não conduz a uma leitura crítica do texto, nem permite avaliar de modo fidedigno a sua compreensão.

Inês Sim-Sim (2001:17), em *Um Retrato da Situação – os dados e os factos*, afirmou:

[...] não só os alunos não sabem ler, como também os professores confirmam as suas dificuldades em ensinar a ler [...].

Se os alunos chegarem aos últimos anos da escolaridade básica com as competências linguísticas e literárias compatíveis com as aprendizagens que lhes foram facilitadas, com um domínio da língua perfeito, resultante de aprendizagens hierarquizadas, com uma consciência metalinguística já desenvolvida, não será preciso elaborar mais programas onde, por exemplo, no ensino secundário ainda se ensinem as competências básicas.

Um professor bem qualificado em língua portuguesa e conhecedor do desenvolvimento cognitivo e linguístico dos seus alunos saberá encontrar as metodologias necessárias à criação de estratégias próprias de compreensão leitora.

Os testes devem ser aplicados em cada um dos anos de escolaridade para que os professores saibam quem são os bons e os maus leitores, em que estado do processo de leitura se encontram e quais as medidas de remediação a tomar.

### 3. ESTRUTURAS DE APOIO À LITERACIA E LEITURA

Desde 1997 que o Ministério da Cultura tem tutela governamental da Cultura (através do organismo vocacionado para o sector do livro e das bibliotecas, até há pouco o IPLB e, actualmente, a DGLB) tem em execução o PNPL com o objectivo de criar e consolidar os hábitos de leitura dos portugueses, com especial atenção para o público infanto-juvenil.

O Programa Nacional de Promoção da Leitura, que se desenvolve desde 1997, tem por objectivo criar e consolidar os hábitos de leitura dos portugueses, com especial atenção para o público infanto-juvenil, através de projectos e acções de difusão do livro e promoção da leitura, que cobrem todo o território nacional. Neste âmbito, a DGLB desenvolve um conjunto de acções de promoção da leitura, em parceria com as Bibliotecas Municipais ou com a Direcção-Geral dos Serviços Prisionais (promoção da leitura em estabelecimentos prisionais); produz materiais, como exposições, brochuras, cartazes comemorativos dos Dias Mundiais, a revista *Na Crista da Onda*, 2.<sup>a</sup> série, dedicada aos escritores portugueses, apoia instituições que desenvolvem actividades de promoção da leitura (ex. A Hora do Conto, em hospitais pediátricos, em parceria com a Fundação do Gil); tem um serviço de apoio à leitura *on-line* (<http://sal.iplb.pt>)... Desde 2007, o programa de acções de promoção da leitura está directamente ligado ao Plano Nacional de Leitura, no projecto da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) denominado Casa da Leitura.

#### 3.1. PLANO NACIONAL DE LEITURA

Embora já abordado no início, pela importância no âmbito da leitura e das suas práticas é abordado agora de forma menos sumária.

A promoção da leitura, uma preocupação relativamente recente em Portugal, data de 1997.

As referências a seguir feitas a estes três projectos enfatizam os objectos e os grupos-alvo. Desde 1997 que a tutela governamental da Cultura (através do organismo vocacionado para o sector do livro e das bibliotecas, até há pouco o Instituto Português do Livro e das Bibliotecas e, actualmente, a Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas) tem em execução o PNPL com o objectivo de «criar e consolidar os hábitos de leitura dos portugueses, com especial atenção para o público infanto-juvenil», dando um especial destaque à literatura infanto-juvenil, também uma área recente no nosso país enquanto tida como verdadeira literatura (Sardinha, 2007).

O Programa Nacional de Promoção da Leitura, que se desenvolve desde 1997, tem por objectivo criar e consolidar os hábitos de leitura dos portugueses, com especial atenção para o público infanto-juvenil, através de projectos e acções de difusão do livro e promoção da leitura, que cobrem todo o território nacional. Neste âmbito, a DGLB desenvolve o conjunto de acções de promoção da leitura anteriormente citadas.

O lançamento, em Setembro de 2006, do PNL constituiu uma resposta institucional, coordenada pelo Ministério da Educação, em articulação com o Ministério da Cultura e o Gabinete do Ministro dos Assuntos Parlamentares, à preocupação quanto aos baixos níveis de literacia da população, em particular entre os jovens. Concretiza-se num conjunto de medidas destinadas a promover o desenvolvimento de competências nos domínios da leitura e da escrita, bem como o alargamento e aprofundamento dos hábitos de leitura, designadamente entre a população escolar.

O Plano Nacional de Leitura é uma iniciativa do XVII Governo Constitucional que pretende constituir uma resposta institucional à preocupação pelos níveis de literacia da população em geral e em particular dos jovens, significativamente inferiores à média europeia. Concretiza-se num

conjunto de estratégias destinadas a promover o desenvolvimento de competências nos domínios da leitura e da escrita, bem como o alargamento e aprofundamento dos hábitos de leitura, designadamente entre a população escolar (Resolução do Conselho de Ministros n.º 86/2006, de 12 de Julho).

Os objectivos gerais do PNL são vários: alargar e diversificar as acções promotoras da leitura em contexto escolar, na família e em outros contextos sociais como os hospitais e as prisões; contribuir; promover a leitura, assumindo-a como factor de desenvolvimento individual e de progresso nacional; criar um ambiente social favorável à leitura; inventariar e valorizar práticas pedagógicas e outras actividades que estimulem o prazer de ler entre crianças, jovens e adultos; criar instrumentos que permitam definir metas cada vez mais precisas para o desenvolvimento da leitura; enriquecer as competências dos actores sociais, desenvolvendo a acção de professores e de mediadores de leitura, formais e informais; consolidar e ampliar o papel da Rede de Bibliotecas Públicas e da Rede de Bibliotecas Escolares no desenvolvimento de hábitos de leitura; atingir resultados gradualmente mais favoráveis em estudos nacionais e internacionais de avaliação de literacia.

Para a consecução destes ambiciosos objectivos, a acção do PNL desdobra-se em várias linhas estratégicas: alargar e diversificar as acções promotoras de leitura em contexto escolar, na família e em outros contextos sociais (lançar programas de promoção da leitura para os diferentes sectores dos públicos-alvo; estimular nas crianças e nos jovens o prazer de ler, intensificando o contacto com o livro e a leitura na escola, designadamente nas salas de aula, nas bibliotecas e na família; criar oportunidades de leitura para as crianças, os jovens e os adultos que requerem meios especiais de leitura; reforçar a promoção da leitura em espaços convencionais de leitura, designadamente nas bibliotecas públicas; criar oportunidades de leitura e contacto com os livros em espaços não convencionais de leitura), contribuir para criar um ambiente social favorável à leitura (disponibilizar informação,

alargar o conhecimento e o debate públicos sobre as questões da leitura e da literacia; mobilizar a comunidade literária, a comunidade científica e os órgãos de comunicação para a questão da leitura e para os objectivos do Plano; reforçar a cooperação e a conjugação de esforços entre a escola, a família, as bibliotecas e outras organizações sociais; valorizar, tornar visível e apoiar o esforço de profissionais e instituições com intervenção na área da leitura; estabelecer parcerias e procurar desenvolver acções concertadas, mobilizando entidades públicas e privadas), assegurar formação e instrumentos de apoio (definir parâmetros para a formação de educadores, professores e mediadores de leitura, de acordo com os princípios do Plano Nacional de Leitura; facultar instrumentos, conteúdos e metodologias orientadores da formação de professores e mediadores de leitura; disponibilizar orientação e apoio directo e on-line a práticas promotoras de leitura na escola, na biblioteca escolar, na família, na biblioteca pública e noutros contextos culturais; mobilizar instituições de formação para ampliarem a oferta na área da leitura; coordenar e divulgar acções de formação para mediadores de leitura, organizadas por diferentes instituições), inventariar e otimizar recursos e competências (inventariar, descrever e divulgar programas, iniciativas e experiências que têm contribuído para criar hábitos de leitura; ter em conta os resultados da experiência nacional e as experiências de outros países na organização de novas iniciativas; proporcionar às escolas livros e outros recursos de informação; recorrer às novas tecnologias de comunicação para promover o acesso ao livro, estimular a diversificação das actividades de leitura e a informação sobre livros e autores; angariar e otimizar financiamentos e co-financiamentos) e criar e manter um sistema de informação e avaliação (inventariar e divulgar os resultados de investigação já realizada e as iniciativas bem-sucedidas, tanto em Portugal como noutros países; disponibilizar informação actualizada sobre literacia e hábitos de leitura dos portugueses; criar modelos de avaliação que permitam efectuar balanços de situação; criar instrumentos de avaliação

utilizáveis em contexto escolar que permitam aos docentes dos vários níveis de escolaridade monitorizar o desenvolvimento da leitura e da escrita dos seus alunos; avaliar políticas e acções a desenvolver no âmbito do Plano Nacional de Leitura).

Importa destacar a Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), iniciada no ano lectivo 1996/1997. Este programa assenta em parcerias entre as escolas, o Ministério da Educação e as câmaras municipais ([www.rbe.min-edu.pt](http://www.rbe.min-edu.pt)) para criar um ambiente social favorável à leitura; assegurar formação e instrumentos de apoio para os técnicos (bibliotecários, professores, animadores, outros mediadores); inventariar e otimizar os recursos e as competências para a leitura e a escrita; criar e manter um sistema de informação e de avaliação do Plano.

Também o PNL, à semelhança do que se passa com os planos ou programas da administração pública de outros países da OCDE, prevê um amplo conjunto de iniciativas. Encontram-se entre elas a concepção e divulgação de listas de obras recomendadas, a promoção de concursos, semanas da leitura e passatempos, a promoção de sites na Internet, o apoio a bibliotecas escolares.

Na primeira fase de desenvolvimento do Plano (2007-2011) os grupos-alvo prioritários foram os alunos dos jardins-de-infância, das escolas do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico e os alunos com necessidades educativas especiais. Procurou envolver as respectivas famílias, os professores, os educadores e os bibliotecários. Numa segunda fase, desenvolvida desde 2008, procura-se abranger também os jovens dos restantes graus de ensino, mas em todo o caso não os adultos.

Quanto ao projecto Casa da Leitura da FCG – entidade com grande tradição na área da promoção da leitura em Portugal – tem como objectivo capacitar, através de um portal on-line, os mediadores de leitura com

ferramentas teóricas e práticas susceptíveis de construir uma rede nacional de promotores de leitura infantil e juvenil.

A Casa da Leitura nos seus distintos níveis de leitura, oferece não apenas a recensão de mais de 750 títulos de literatura para a infância e juventude, organizados segundo faixas etárias e temas, com actualização periódica semanal, como desenvolve temas, biografias e bibliografias. Tudo dirigido preferencialmente a pais, educadores, professores, bibliotecários, enfim, a mediadores de leitores. Em simultâneo, responde às dúvidas mais comuns sugerindo um conjunto de práticas destinadas às famílias e aos mediadores (fonte: [www.casdaleitura.org](http://www.casdaleitura.org)).

Em síntese, estes três projectos têm em comum procurar elevar os níveis de competência e práticas de leitura de livros, entre crianças e jovens, procurando envolver diversos grupos mediadores do livro e da leitura em diversos contextos sobretudo o escolar. Importa ainda referir que, quanto aos adultos, os grupos-alvo se limitam, em grande parte, aos reclusos.

A infância e a juventude são, sem dúvida, as idades em que a promoção da leitura mais se faz sentir. Esta é, como se viu ao longo do presente estudo, uma orientação que reúne grande consenso entre os promotores dos projectos.

De acordo com os perfis sociais identificados no tópico anterior trata-se de projectos que visam reforçar competências e hábitos de leitura entre os mais jovens, ainda em percurso escolar, que integram, com alguma probabilidade, o contingente dos que lêem, com maior ou menor regularidade.

### **3.2. REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES**

A Rede de Bibliotecas Escolares criada a partir de 1996/97 é um programa assente em parcerias entre as escolas, o Ministério da Educação e as Câmaras Municipais. Contribuiu progressivamente para alterar a realidade da

leitura em meio escolar e permitiu uma crescente tomada de consciência do seu papel, enquanto recurso elementar no processo educativo e enquanto instrumento fundamental para a mudança qualitativa das práticas pedagógicas.

Na biblioteca escolar como na sala de aula, essencialmente, o estabelecimento de uma relação empática com os alunos e a sensibilização e exploração de motivos que os possam levar a perspectivar a leitura como algo útil e agradável, uma vez que, segundo Pennac (1993), ler por obrigação não é ler.

Para além disso e dado que uma das condições essenciais para cultivar na criança o gosto e o prazer de ler é expô-los perante uma literatura que vá de encontro aos seus interesses. Tornou-se necessário conhecer as suas preferências pois, como defendem Magalhães e Alçada (1994) forçar crianças e jovens a lerem obras de que não gostam pode ser a maneira mais eficaz de lhes barrar o caminho.

### **3.3. REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS**

Tem se verificado um crescente esforço continuado de alargamento dos concelhos abrangidos pela Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP) e do número das bibliotecas públicas de acordo com critérios previamente definidos.

## **4. FORMAÇÃO DO PNEP**

A partir do ano lectivo 2006/2007, o Ministério da Educação lançou também o Programa Nacional de Ensino do Português (PNEP), destinado a assegurar a formação contínua de educadores de infância e professores do 1.º

ciclo. Sendo o objectivo central do PNEP, a melhoria das práticas educativas na sala de aula, ao nível da compreensão da leitura, expressão oral e escrita.

No ano lectivo 2006/2007, iniciou-se a formação do primeiro grupo de formadores residentes, através do estabelecimento de coordenadas comuns entre as equipas das instituições de ensino superior ligadas ao desenvolvimento do Programa.

No ano lectivo de 2007/2008, a dinamização do PNEP coube fundamentalmente às instituições de ensino superior:

- **DESENVOLVIMENTO DA FORMAÇÃO**

- a) a formação nas escolas/agrupamentos, dinamizada pelos formadores residentes;

- b) o acompanhamento e aprofundamento da formação dos formadores residentes em exercício, da responsabilidade da ESE/Universidade da respectiva região;

- c) a formação de novos formadores residentes na ESE/Universidade de cada região.

- **ESTRUTURA DA FORMAÇÃO**

Os formadores residentes implementaram a formação contínua dos docentes, nas suas escolas de pertença, desenvolvendo, em estreita colaboração e sob a supervisão do núcleo regional de formação da ESE/Universidade da região, as seguintes actividades:

- a) dinamização quinzenal de oficinas temáticas e espaços de discussão sobre os temas abaixo especificados, planificação e avaliação de estratégias, actividades pedagógicas implementadas ou a implementar na sala de aula, com base nos materiais disponibilizados;

- b) acompanhamento individual dos docentes na sala de aula, em sessões de apoio tutorial;
- c) sessões plenárias regionais.

- **DOMÍNIOS E CONTEÚDOS DA FORMAÇÃO**

A formação preconiza actualizar e aprofundar os conhecimentos científicos e metodológicos dos formandos, no que respeita ao ensino da Língua Materna no 1.º ciclo. Promove a reflexão sobre as práticas de cada formando concomitantemente com o aprofundamento de conhecimentos à luz dos resultados da investigação, realçando o desenvolvimento linguístico da criança e as aprendizagens da língua neste ciclo escolar.

Os princípios orientadores da formação ancoram no *Currículo Nacional do Ensino Básico*, particularmente no desenvolvimento das competências específicas aí enunciadas:

a) O desenvolvimento da linguagem oral, contemplando as seguintes dimensões:

- parâmetros de desenvolvimento da linguagem oral; determinantes de desenvolvimento; a relação interdependente entre a escolarização e a linguagem; a relação entre o oral e o escrito numa perspectiva de desenvolvimento; a importância do ensino explícito do vocabulário na compreensão da leitura e na produção textual; a reflexão orientada sobre o conhecimento da língua e os efeitos da consciência linguística na aprendizagem dos usos secundários da língua e na sistematização desse mesmo conhecimento.

b) O ensino da leitura, contemplando as seguintes dimensões:

- a emergência da leitura e da escrita e a relação com a educação pré-escolar; o ensino da decifração e o desenvolvimento da consciência fonológica; a aprendizagem de estratégias de compreensão e de interpretação textuais; leitura orientada, leitura recreativa e leitura para informação e estudo; a utilização dos

suportes em papel e digital; a leitura em sala de aula e na biblioteca; actividades de animação da leitura e a relação com o Plano Nacional de Leitura; a avaliação da leitura.

c) O ensino da expressão escrita, contemplando as seguintes dimensões:

- a entrada na aprendizagem formal da escrita e a sua articulação com a aprendizagem da leitura; o processo de escrita e as suas diferentes componentes; a diversidade de competências envolvidas na produção textual, em particular as competências gráfica, ortográfica e de textualização; a construção de textos de diferentes géneros discursivos, com vista a proporcionar a descoberta e a utilização de funções diversificadas da linguagem escrita.

d) A utilização do computador como recurso de aprendizagem da língua por adultos e por crianças, contemplando as seguintes dimensões:

- dispositivos tecnológicos e comunicativos (páginas pedagógicas, *blogues*, enciclopédias, ...); arquitectura do hipertexto (processos de coerência discursiva) e operações cognitivas; usos dos suportes e linguagens pelas crianças e aprendizagens colaterais; exploração dos recursos da rede; produção de materiais em formato electrónico.

Esta formação, mais do que procurar alterar as práticas, pretende estruturar conhecimentos e permite aos formandos inferir consequências e organizar a sua prática, dando-lhe intencionalidade. Por vezes, o que se faz está de acordo com o sugerido, mas não são exploradas as actividades em todas as vertentes e aproveitadas para estruturar as aquisições. A maior diferença nesta formação em relação a outras (PRODEP e oficinas de formação) é a carga de intencionalidade nas actividades, assim como as aulas assistidas e supervisionadas, que fazem com que os formandos experimentem e verifiquem

que os resultados são aprimorados quando se preparam e exploram as actividades em todos os domínios possíveis.

## 5. CONTRIBUTOS LEGISLATIVOS

A produção legislativa do Ministério da Educação, a partir de meados da década de 90, no que respeita às orientações curriculares e programáticas do pré-escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico, acolhem, no essencial, os contributos da investigação no que respeita à aprendizagem leitora. Se bem que dispersa e não configurando uma política articulada e coerente de leitura para a infância, os textos indiciam uma interiorização crescente da complexidade do acto de ler, muito para além da mera descodificação. Enunciando metodologias que colocam a leitura literária, nomeadamente a leitura regular de histórias completas, como prática pedagógica corrente e instrumento para a emergência e para o desenvolvimento das competências leitoras.

Relativamente ao Pré-escolar merece relevo, pela sua consistência teórica e pelo seu carácter inovador, no contexto do ensino em Portugal, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, da responsabilidade do Departamento do Ensino Básico (DEB) do Ministério da Educação, editado em 1997.

Este documento constitui-se como uma referência teórica e orientadora de práticas, dando um contributo para a definição de um “perfil de qualificação” dos educadores de infância no domínio do ensino da leitura. Dada a importância do documento, vale a pena seguir o fio condutor da sua construção.

Em primeiro lugar, importa relevar a articulação entre o desenvolvimento do domínio da linguagem e a leitura lúdica de textos literários:

É actualmente indiscutível que também a abordagem à escrita faz parte da educação pré-escolar. (...) Esta abordagem à escrita situa-se numa perspectiva de literacia enquanto competência global para a leitura no sentido da interpretação e tratamento da informação que implica a “leitura” da realidade, das “imagens” e de saber para que serve a escrita, mesmo sem saber ler formalmente. [...]

O contacto com a escrita tem como instrumento fundamental o livro. É através dos livros, que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética. Por isso, os livros devem ser escolhidos segundo critérios de estética literária e plástica. [...]

Esta aprendizagem (progressivo domínio da linguagem) baseia-se na exploração do carácter lúdico da linguagem, prazer em lidar com as palavras, inventar sons, e descobrir as relações. As rimas, as lengalengas, as trava-línguas e as adivinhas (...) podem ser trabalhados na educação escolar. Também a poesia como forma literária constitui um meio de descoberta da língua e de sensibilização estética. *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar* (1997)

A relação intrinsecamente articulada entre a escrita e a leitura, surge como duas faces de uma mesma moeda, tendo como eixo o livro e a emergência do prazer da leitura. É a exigência da qualidade das narrativas que constituem o livro infantil como condição de eficácia desse encontro do leitor com o livro, que sustenta a emergência do prazer de ler.

No que respeita às metodologias de envolvimento das crianças no processo de leitura o documento, *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar* (1997), é suficientemente elucidativo:

As histórias lidas ou contadas pelo educador, recontadas e inventadas pelas crianças [...] são um meio de abordar o texto narrativo que [...] suscitam o desejo de aprender a ler.

[...] Na leitura de uma história o educador pode partilhar com as crianças as suas estratégias de leitura, por exemplo, ler o título para que as crianças possam dizer do que trata a história, propor que

prevejam o que vai acontecer a seguir, identificar os nomes e as actividades dos personagens [...] Procurar com as crianças informações em livros, cujo texto o educador vai lendo e comentando de forma a que as crianças interpretem o sentido, retirem as ideias fundamentais e reconstruam a informação.

O que aqui se propõe é o envolvimento das crianças pré-leitoras no processo da leitura literária, enquanto metodologia de indução ao prazer de ler – solicitando expectativas e motivações positivas, relativamente ao acto de ler – e enquanto instrumento de estímulo à compreensão leitora como, actividade de interpretação e reconstrução do sentido. Este documento reflecte uma preocupação crescente quanto a uma intervenção “precoce” no que respeita à formação de hábitos de leitura, que antecede e facilita a aprendizagem formal da leitura e a “interiorização” da importância da leitura literária, no desenvolvimento de competências cognitivas e linguísticas.

As Orientações Curriculares referidas são explícitas quando falam da educação estética, da literacia, do carácter lúdico da linguagem, da importância das bibliotecas e do prazer da leitura. Recentemente, a Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular publicou brochuras com textos de apoio nos domínios da Linguagem Oral e da Abordagem à Escrita, como um recurso para a acção do educador de infância e com o objectivo de proporcionar uma melhor compreensão e operacionalização das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.

# Capítulo III

# 1. O PROJECTO

## Motivar para a Leitura: 20 Razões para Ler

para saber...	para viajar...	para ser artista...
para conhecer...	para llorar...	para jugar...
para descobrir...	para cantar...	para amar...
para pasar el tiempo...	para soñar...	para contar...
para reír...	para viajar a otro tiempo...	para dormir...
para hacer amigos...	para vivir aventuras...	para emocionarse...
para pasar miedo...	para releer...	

(Fundación Germán Sánchez Ruypérez)

Na senda de Rodari, citado no início deste trabalho, devem as famílias, como centros de primeira socialização, dizerem-nos quem são os seus filhos, que motivações os guiam e que aquisições já fizeram no seio familiar. Os professores devem promover o diálogo com as famílias no sentido de todos juntos poderem formar os seus educandos.

O enraizamento dos hábitos de leitura é um processo longo e que, preferencialmente, se deve iniciar logo na primeira infância, muito antes da aprendizagem formal da leitura. A família desempenha, neste contexto, um papel decisivo, dado que os pais como modelos afectivos mais significativos para as crianças, cujos comportamentos elas imitam, são mediadores de importância acrescida na criação de hábitos de leitura.

A aquisição de hábitos de leitura ou se desenvolve atempadamente ou dificilmente pode ser adquirida.

Tendo em atenção estes considerandos, os projectos de promoção da leitura devem ter como público-alvo preferencial as crianças e jovens até aos 15 anos, e quer se desenvolvam em contexto escolar ou de biblioteca pública, devem implicar activamente as famílias.

## **1.1. DESENVOLVIMENTO DO PROJECTO**

### **1.1.1. CONTEXTOS**

#### **Caracterização do Meio**

Situada no centro geográfico do país, Vila de Rei é simultaneamente equidistante do Norte e do Sul, de Espanha e do Atlântico; é o centro de Portugal.

Fazendo parte do distrito de Castelo Branco, o concelho de Vila de Rei tem uma área de 191 Km<sup>2</sup>. É limitado a Norte pela ribeira da Isna, que o separa do concelho da Sertã, a Sul pela ribeira de Codes que o separa do concelho de Abrantes, a Este pelo concelho de Mação e a Oeste pela albufeira de Castelo de Bode que o separa do concelho de Ferreira do Zêzere.

Apesar do concelho já existir há mais de 700 anos, por reunir condições excelentes à fixação da população e de ter sido ponto de passagem obrigatória para quem se deslocava de Aragão, parte de Castela e Estremadura para o Litoral e Lisboa, vários têm sido os flagelos que o têm assolado, os piores dos quais foram a construção da barragem de Castelo de Bode que alagou 50 Km de margem, alterando toda a sua ecologia e provocando o isolamento do concelho e os dois incêndios que devastaram a quase totalidade do concelho afectando a flora e a fauna e causando inúmeros prejuízos materiais a quem tinha na floresta o seu principal sustento.

Só recentemente foram criadas condições para vencer o isolamento, nomeadamente:

- Em 1991, com a construção da Zona Industrial de Vila de Rei visando a implementação de algumas indústrias no concelho;
- Em 1993, com a inauguração da ponte sobre a albufeira de Castelo de Bode que permitiu estabelecer um elo de ligação com Ferreira do Zêzere;
- Em 1995, com: a inauguração do novo traçado da estrada nacional nº2 e posterior ligação à A23, que liga a A1 a Castelo Branco.

O concelho de Vila de Rei é profundamente rural - interior Centro – e, como já foi referido, só há alguns anos foram implantadas indústrias que criaram alguns postos de trabalho. As saídas profissionais a nível concelhio restringem-se a alguns serviços do sector terciário (comércio, bancos, correios, centro de saúde, lares de 3ª idade e serviços administrativos), que ocupam algumas dezenas de habitantes.

O concelho é formado por três freguesias (Vila de Rei, Fundada e S. João do, Peso) com um total de 3680 habitantes, com inúmeras aldeias bastante dispersas, algumas quase despovoadas, em que as pessoas vivem de uma agricultura de subsistência, do aproveitamento da floresta e dos seus subprodutos, com carências a todos os níveis, apesar dos esforços desenvolvidos pela Autarquia para o abastecimento de água e prestação de transportes, uma vez que não existe uma rede de transportes públicos.

A população do concelho encontra-se envelhecida, tem baixos rendimentos e baixo nível de escolarização.

A nível dos espaços culturais, desportivos e recreativos, a oferta também é reduzida, resumindo-se à existência de uma biblioteca municipal prestes a entrar em funcionamento e algumas associações, um polidesportivo, uma piscina coberta e um campo de futebol, situando-se os três últimos junto à escola sede do agrupamento.

Antes de 1975 apenas existiam no concelho escolas do Ensino Primário. Só a partir desse ano se iniciou o ensino preparatório, tendo-se, posteriormente, alargado até ao 9º ano de escolaridade.

Com a criação e abertura da E.B.I. no ano lectivo de 1997/1998, foram extintas sete escolas do 1º ciclo da freguesia de Vila de Rei e uma escola da freguesia de S. João do Peso, tendo-se mantido em funcionamento para além do ensino Pré-escolar, apenas a escola do 1º ciclo da Fundada onde funcionava também o Ensino Mediatizado. Apesar do alargamento progressivo da escolaridade, a maioria dos alunos que querem prosseguir estudos têm de se ausentar de Vila de Rei, pois, apesar de existir ensino Secundário desde o ano lectivo de 2003/2004, apenas este ano lectivo se inscreveu o número mínimo de alunos, de forma a permitir o funcionamento de uma turma de 10º ano.

Em algumas povoações existem cursos de alfabetização, bordados e outros, que muito têm contribuído para aumentar a escolaridade dos mais velhos e para permitir um pouco de convívio de forma a quebrar o isolamento.

## **1.2. CONCEITO DE BIBLIOTECA**

O conceito de Biblioteca tem vindo a sofrer constantes alterações ao longo do tempo, a par das transformações sociais e tecnológicas que assumem nos nossos dias um carácter cada vez mais vertiginoso. Assim enquanto antigamente por Biblioteca se entendia o lugar onde os livros eram conservados, armazenados e religiosamente guardados em estantes fechadas, actualmente considera-se uma biblioteca como

[...] toda a colecção organizada de livros e periódicos impressos ou de outros documentos, nomeadamente gráficos ou audiovisuais e ainda os serviços que concorrem para o acesso fácil a estes documentos, por utiliza

dores com fins de informação, pesquisa, educação ou recreativos. (Calisto, 1985:16)

A palavra Biblioteca, que etimologicamente significa o lugar onde os livros são guardados, parece não se adequar às novas realidades, de facto seria mais correcto substituí-la pela expressão - Centro de Recursos ou Centro Multimédia, contudo por comodidade de linguagem continuamos a utilizá-la, dotando-a destes novos significados.

Existem diversos tipos de bibliotecas:

Eruditas, públicas, escolares, universitárias, patrimoniais, especializadas, de investigação e especiais. (Cabral, 1966: 92)

Cada Biblioteca é dirigida a um determinado público e por isso tem diferentes objectivos mas, qualquer que seja o tipo de Biblioteca há sempre um denominador comum:

[...] a organização das respectivas colecções tendo em vista a disponibilização e divulgação. (Cabral, 1999:33)

Nos dias de hoje a Biblioteca é

um local fantástico, reflectindo um fluxo constante de informação, em que os livros só fazem sentido pela utilização que lhes for dada, pela circulação que lhes for autorizada, pelo próprio desgaste físico que sofrerem. (Cabral, 1999:36)

### 1.3. A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA NO ESPAÇO ESCOLAR

As Bibliotecas são espaços de encontro com o livro, essenciais à cultura de um povo e fundamento para a vida da escola, desde o pré-escolar.

Com a Pedagogia moderna, a escola alterou o seu papel, os seus métodos e objectivos, passando do enfoque na transmissão do saber para o enfoque na busca do saber. Assim deixou de se sobrevalorizar a memorização e passou a entender-se como fundamental a pesquisa, a investigação

[...] a aquisição de métodos de trabalho e de uma utensilagem mental, susceptíveis de favorecer processos de auto-formação no quadro de um processo de educação permanente. (M.E., 1996:112)

A colocação da Criança no centro do processo educativo transformou-a em sujeito activo, construtor da sua própria aprendizagem.

A escola sofreu o impacto das grandes mudanças sociais, económicas, políticas, científicas e tecnológicas. Deixou de Ter o monopólio do saber, pois, os canais de informação e comunicação multiplicam-se; a acessibilidade às fontes de informação é uma realidade; os conhecimentos exigem actualização constante; as inovações tecnológicas sucedem-se a um ritmo acelerado.

Num mundo cada vez mais complexo é tarefa primordial da escola é dotar a criança de competências no domínio da pesquisa e da interpretação de informação desenvolvendo capacidades de análise crítica e produção própria. Este processo insere-se numa perspectiva de escola formativa que, baseia a sua actividade nos quatro pilares da educação moderna:

- aprender a conhecer
- aprender a fazer
- aprender a ser
- aprender a viver juntos.

É neste contexto de formação de cidadãos autónomos, solidários, responsáveis e intervenientes que se torna fundamental o papel da Biblioteca Escolar.

Por funcionar no espaço da escola e para a escola, ela é um recurso acessível, um espaço e um tempo consagrado ao livro mas também a equipamentos vários, onde são tratados, integrados e disponibilizados todos os tipos de documentos e informação (jornais, vídeos, filmes, diapositivos, programas informáticos, informação on-line, etc.) torna-se assim um centro de

[...] recursos pedagógicos quer para as actividades quotidianas de ensino, quer para as actividades curriculares não lectivas, quer para a ocupação de tempos livres e de lazer. (M.E., 1996: 13)

À Biblioteca Escolar cabe pois o desempenho de um papel central na vida pedagógica de toda a escola, desde o pré-escolar. Tornando-se num núcleo vivo e dinâmico, rico, atraente, acolhedor e estimulante, será capaz de proporcionar novas linguagens e novas formas de interacção entre os diferentes actores educativos e assim tornar o livro não só como uma necessidade mas essencialmente como uma fonte de prazer e desenvolvimento pessoal desde os mais tenros anos.

Vista como algo familiar e como um espaço lúdico em que se aprende, tornar-se-á num lugar "mágico" onde apetece estar e que apetece descobrir.

## 1.4. LEITURAS E BIBLIOTECAS ESCOLARES

Hoje, na maioria das escolas, os jovens podem usufruir de bibliotecas escolares, as quais disponibilizam serviços e recursos que permitem a todos tornarem-se leitores críticos, capazes de reflectir e de argumentar.

Para que os nossos alunos não se limitem à leitura tradicional e de facto desenvolvam competências leitoras é necessário que seja disponibilizado tempo e recursos para a leitura. É neste sentido que a biblioteca escolar desempenha um papel fundamental na promoção da leitura. A biblioteca escolar fomenta a possível leitura por curiosidade, por prazer, por interesse. É necessário que se fale de livros e de leituras de uma forma mais espontânea, nas conversas quotidianas. É importante que os alunos incorporem a leitura como uma prática útil, necessária e compatível com a vida diária.

A biblioteca escolar deverá apresentar uma colecção ampla e diversificada. O contacto com vários tipos de textos torna-nos leitores mais críticos. Actualmente, os textos aparecem em vários suportes, não só o impresso, mas o electrónico e o audiovisual. Alguns vivem a experiência da alfabetização visual, é necessário aprender a ler os códigos da imagem na linguagem audiovisual, televisiva, cinematográfica, o texto electrónico e a publicidade. Estarão as escolas, as bibliotecas, os docentes preparados para iniciarem este novo processo de ensino-aprendizagem? Surge-me a ideia de que o professor deverá ser o promotor da leitura, nas suas várias vertentes. No entanto, ainda não é essa a nossa realidade! É prática comum remeter as questões da leitura para o departamento de Língua Portuguesa. E as leituras transversais? A leitura de gráficos? A leitura de imagens? Quem as pratica?

A afirmação: *“O PISA incide sobre “ler para aprender” e não sobre “aprender a ler”; por consequência, os estudantes não são avaliados ao nível das capacidades de leitura mais básicas.”* deverá ser o ponto de partida para a repensar as

metodologias e as práticas no ensino, não esquecendo que a biblioteca escolar é essencial à operacionalização do conceito de literacia.

## **2. A BIBLIOTECA ESCOLAR/CENTRO DE RECURSOS**

### **2.1. INTRODUÇÃO: CARACTERIZAÇÃO DA BE/CRE**

Quando falamos de leitura, há pelo menos duas perspectivas que temos de encarar: a sua aprendizagem, por um lado, e a criação de hábitos leitores, por outro. Se é verdade que da primeira depende claramente a segunda, não é menos verdade que sem a segunda a primeira ficará para sempre amputada. Numa e noutra importa perceber qual é o papel da Biblioteca Escolar. Norteados por estes princípios base o projecto educativo da nossa escola passa por uma dinâmica de reflexão e reformulação dos processos com o objectivo de melhorar a qualidade do ensino/aprendizagem. Este projecto não dispensa a biblioteca escolar como agente indispensável para um estudo autónomo, com aquisição efectiva de competências, hábitos de leitura, pesquisa e tratamento da informação. A biblioteca estabelece então um compromisso com o projecto educativo no sentido de assumir um percurso de melhoria.

A Biblioteca/Centro de Recursos (BE/CRE) da Escola Básica Integrada do Centro de Portugal é constituída por um conjunto de recursos físicos (instalações, equipamento), humanos (professores, funcionários) e documentais (papel, audiovisual e informático), organizados de modo a oferecerem à comunidade escolar elementos que contribuam para a sua formação e informação. Situa-se no primeiro andar do edifício sede do Agrupamento.

Os recursos da BE/CRE estão organizados em três grandes grupos:

a) Materiais impressos: inclui livros, periódicos e um arquivo com trabalhos de alunos;

b) Recursos informáticos: inclui computadores, impressoras, digitalizadores, CD-ROM e DVD;

c) Recursos audiovisuais: inclui equipamento áudio, vídeo e fotografia (projectores de vídeo, projectores de diapositivos, retroprojectores, televisores, vídeos, leitores de DVD, máquinas fotográficas e câmaras de vídeo), assim como cassetes de áudio, vídeo e DVD.

A BE/CRE deve constituir-se como um núcleo da organização pedagógica da escola, vocacionada para as actividades culturais e para a informação, tendo em vista atingir, entre outros, os seguintes objectivos:

1 - Tornar possível a plena utilização dos recursos pedagógicos existentes e dotar a escola de um fundo documental adequado às necessidades das diferentes disciplinas e projectos de trabalho.

2 - Permitir a integração dos materiais impressos, audiovisuais e informáticos e favorecer a constituição de conjuntos organizados em função de diferentes temas.

3 - Providenciar acesso aos recursos locais, regionais e globais e às oportunidades que confrontem os alunos com ideias, experiências e opiniões diversificadas.

4 - Organizar actividades que favoreçam a consciência e a sensibilização para questões de ordem cultural e social.

5 - Desenvolver nos alunos competências e hábitos de trabalho baseados na consulta, tratamento e produção de informação, tais como: seleccionar, analisar, criticar e utilizar documentos; desenvolver um trabalho de pesquisa ou estudo, individualmente ou em grupo, por solicitação do professor ou da sua própria iniciativa; produzir sínteses informativas em diferentes suportes.

6 - Estimular nos alunos o prazer de ler e o interesse pela cultura regional, nacional e universal.

7- Ajudar os professores a planificarem as suas actividades de ensino e a diversificarem as situações de aprendizagem.

8 - Associar a leitura, os livros e a frequência da BE/CRE à ocupação lúdica dos tempos livres.

9 - Promover a partilha de recursos entre as escolas do Agrupamento.

## **2.2. PARTICIPANTES**

### **As turmas**

As turmas envolvidas são os alunos do 1º e 2º ciclos do Ensino Básico da Escola Básica Integrada do Centro de Portugal. Para além do professor bibliotecário, também participaram, como aliás descrevemos ao longo das actividades, as famílias dos alunos, os funcionários da escola e elementos da comunidade educativa.

## **3. OS OBJECTIVOS DO NOSSO ESTUDO**

Estão enumerados ao longo das actividades, todavia quatro macro-objectivos dão o mote:

- Dinamizar a biblioteca;
- Estabelecer laços entre a biblioteca e o currículo nacional;
- Criar laços com os famílias tendo a biblioteca um papel principal;
- Formar leitores.

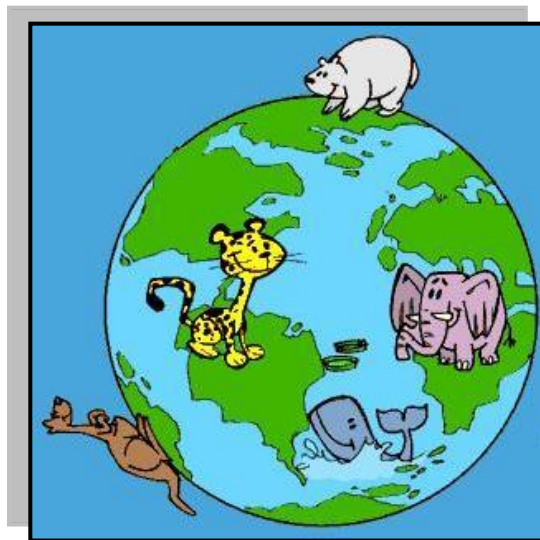
## 4. ESTRATÉGIAS/ACTIVIDADES

As estratégias desenvolvidas no âmbito das 20 razões para ler foram desdobradas tendo em conta as efemérides mais significativas do Projecto Educativo.



«"Professora, leia-nos uma história!" Não existe melhor maneira de começar um dia de trabalho! E no final do dia, quando a noite chega, o meu pedido ao adulto mais próximo seria: "Por favor, conte-me uma história!" Não existe melhor maneira para escorregar nos lençóis da noite! Mais tarde, quando vocês já forem grandes, lerão para outras crianças aquelas mesmas histórias. Desde que o mundo é mundo e que as crianças crescem, todas estas histórias escritas e lidas têm um nome muito bonito: **literatura**.»

Daniel Pennac



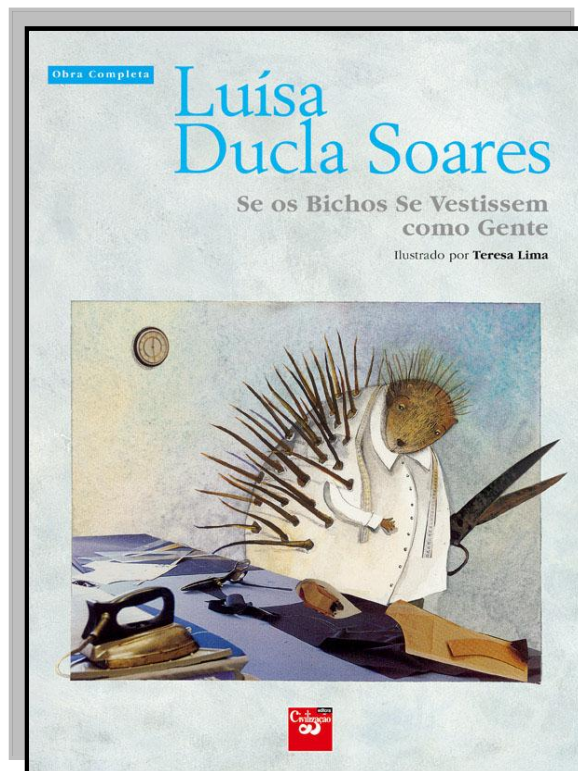
## LER PARA...RIR e SER ARTISTA

ACTIVIDADE INSERIDA NA COMEMORAÇÃO DO DIA MUNDIAL DO  
ANIMAL

(4 DE OUTUBRO)



*SE OS BICHOS SE VESTISSEM COMO GENTE, Luísa Ducla Soares*



**PÚBLICO-ALVO:** Pré-Escolar

**DURAÇÃO:** 90 minutos

**COMPETÊNCIAS:**

**Ser capaz de:**

- Descodificar imagens;
- Ouvir narrativas de complexidade progressivamente alargadas;
- Relacionar a informação ouvida com outros conhecimentos;

- Criar o gosto pela leitura;
- Tirar partido do cómico da situação;
- Desenvolver a criatividade/imaginação;
- Assumir preferências por actividades, tarefas ou materiais;
- Tomar decisões;
- Envolver a família nas actividades escolares;
- Interagir verbalmente de forma confiante.

### **SINOPSE:**

“Trata-se de um insólito bestiário que aposta no absurdo da associação de peças de vestuário a espécies animais várias, fazendo ressaltar o cómico da situação proposta. Em estreita relação com um texto visivelmente condensado, composto apenas por sugestões sob a forma de perguntas, encontra-se a componente pictórica do álbum, que desenvolve a proposta textual ampliando e tornando visível essa “promessa”: «se a mãe canguru vestisse casaco, em que bolso guardava o bebé?». O ridículo das várias situações recriadas permite também questionar a convencionalidade do vestuário humano e propõe aos leitores a continuação do jogo em que se transforma a leitura do livro, recriando situações semelhantes, igualmente risíveis.”

### **SEQUÊNCIA DIDÁCTICA:**

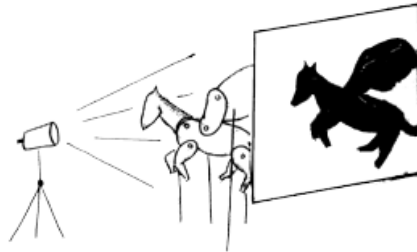
#### **Antes da Leitura**

- Apresentação, no quadro, dos animais que fazem parte da história. Na história entram, entre outros, a centopeia, o macaco, a rã, a cobra, o caracol, o cão, o elefante, o veado, o porco, o leão, uma gata que se vestia de noiva...
- Identificação dos animais, pelos alunos (activação dos conhecimentos);
- Proposta de cada aluno vestir um animal, através da oralidade;
- Debate colectivo sobre o que poderá acontecer aos animais vestidos...



### Durante a Leitura

- Leitura do livro, pelo professor bibliotecário, acompanhada de sombras chinesas dos animais referidos na obra, manuseadas por alunos do 1º Ciclo;



### Depois da Leitura

- Reconto oral da história ouvida pelos alunos, à medida que vão visualizando as ilustrações da obra, da autoria de Teresa Lima;

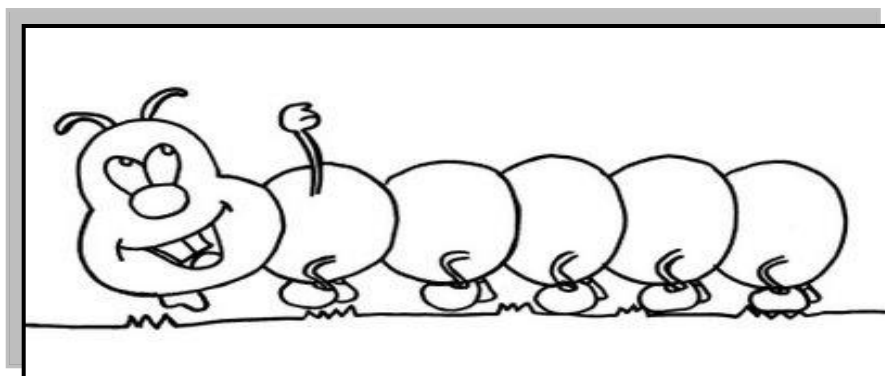


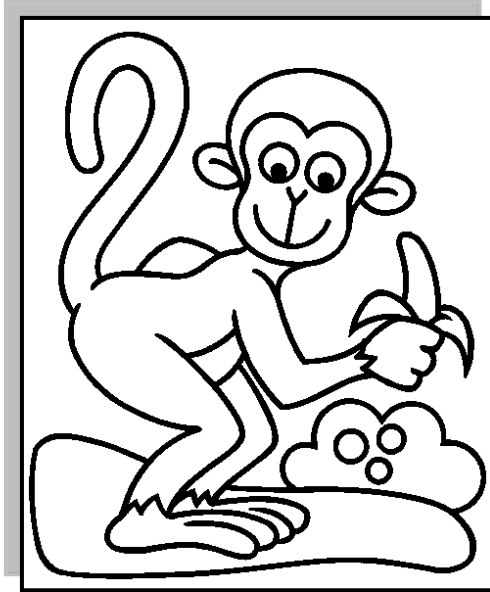
- Realização de uma das actividades:

1 - Luísa Ducla Soares escreveu este livro sobre cobras que usam cintos, centopeias que usam sapatos e muitos outros animais carregadinhos de roupa de pessoa. Os alunos imaginam as roupas com as quais poderiam vestir a bicharada, executam-nas com retalhos de tecidos variados e colam-nas nas folhas das imagens dos animais...



... ou, então, pintam as suas criações sobre as imagens;





2 - Pintura das ilustrações de Teresa Lima fornecidas a preto e branco.



- Terminada a sessão, exposição dos trabalhos dos alunos num placard da Biblioteca, sob o título «Se os Bichos se Vestissem como Gente».

**Sugestão:**

Finda a exposição, os desenhos serão levados para casa e os alunos poderão contar a história aos pais, a partir das imagens que realizaram. Serão dados aos alunos marcadores de livros para as suas próximas leituras.





**NOVEMBRO**

# LER PARA...DESCOBRIR E CONHECER

ACTIVIDADE INSERIDA NA COMEMORAÇÃO DO DIA UNIVERSAL  
DA CRIANÇA  
(20 DE NOVEMBRO)

*PORQUE SOMOS DE CORES DIFERENTES?*, Carmen Gil



**PÚBLICO-ALVO:** 1º Ciclo (1º Ano e 4º Ano)

**DURAÇÃO:** 90 minutos

**COMPETÊNCIAS:**

- Compreender e produzir discursos orais.
- Interagir verbalmente de uma forma apropriada.
- Ser um leitor fluente e crítico.
- Respeitar bem a pontuação.
- Dar expressividade às frases.
- Compreender o que lê.
- Compreender o essencial da mensagem oral.
- Responder adequadamente a perguntas sobre o que ouve.
- Pronunciar bem as palavras.

- Usar vocabulário que permita uma expressão oral correcta.
- Captar o sentido global do texto.
- Saber responder a perguntas sobre o que ouve.
- Interpretar e reter informações a partir de enunciados orais de natureza diversificada
- Identificar intervenientes e acções, referenciando-os no espaço e no tempo

#### SINOPSE:

Marta é da cor do leite e tem cabelo liso castanho-claro. Kaelo tem o cabelo negro e encaracolado e a pele da cor do chocolate. As duas amigas observam a cor da pele dos meninos e meninas à sua volta, e reparam que nem sempre é igual. Umhas peles são mais brancas, outras mais escuras e algumas completamente negras. Então elas perguntam "**Por que somos de cores diferentes?**".

Kaelo acha que tudo aconteceu quando Deus criou os homens e as mulheres, há muito, muito tempo. Começou a modelá-los com barro branco que apanhava do chão e a pintá-los com as cores do arco-íris. Mas fazia tudo tão devagar que o arco-íris foi desaparecendo: as figuras começaram a sair cada vez mais claras e as últimas ficaram completamente brancas.

O Júlio considera que a pele é a nossa camuflagem, que nos permite passar despercebidos no ambiente em que vivemos: quem é muito branco pode esconder-se melhor na neve e os que têm pele mais escura podem passear de noite sem que ninguém os veja.

O Estêvão queixa-se que a culpa é toda da água: os seres humanos que vivem em países chuvosos são brancos porque ficaram descoloridos, a água lavou-os tanto que os deixou quase sem cor! O Estêvão acha que a mãe não o devia obrigar a tomar banho todos os dias!

A Bogna acredita que as pessoas ficaram com a cor das tarefas que desempenhavam: os que se dedicavam a acender e a manter o fogo e a escavar

nas minas de carvão ficaram tingidos de negro. Os oleiros e os camponeses, de tanto trabalharem com o barro e com a terra, ficaram avermelhados. As pessoas que ordenhavam as vacas e as cabras ficavam sempre sujas de leite e tornaram-se brancas. Por isso, há pessoas com pele das cores do carvão, da terra e do leite. Por fim, Raul explica qual é a resposta científica a esta pergunta:

“A cor da pele depende da melanina. Quanto mais melanina tiver a nossa pele, mais escura será. E o que é a melanina? A melanina é uma substância química que o nosso corpo produz quando apanhamos sol. Serve para proteger a nossa pele das radiações ultravioletas que se encontram nos raios de sol. A melanina é como a sombrinha do nosso corpo. Quanto mais sol apanhamos, mais melanina o nosso corpo produz porque necessita de mais protecção. Assim, no Verão ficamos morenos porque abrimos a nossa sombrinha de melanina!

A Kaelo ri-se: Pois é, mas eu tenho a sombrinha aberta todo o ano! Sou sempre castanhinha!

Então o Raul explica que o facto de nascerem pessoas de diferentes cores tem a ver com o que aconteceu com os nossos antepassados: “ Os seres humanos espalharam-se pela Terra e a cor da sua pele mudou conforme o clima do lugar onde se instalaram. Onde há mais sol, a pele é mais escura. Onde há menos sol, a pele é mais clara. E nos lugares onde não faz nem muito calor nem muito frio, temos um bronzeado intermédio.”

A Marta e a Kaelo gostaram muito de saber que a única diferença entre elas é apenas um punhado de raios de sol. E que o mundo é mais bonito, mais colorido e mais interessante por ser formado por pessoas diferentes. E por podermos ser todos bons amigos!

Já percebeste porque somos de cores diferentes?

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA:

### Antes da Leitura

- Dramatização do poema **Meninos de todas as cores**, de Luísa Ducla Soares por seis alunos do 4º Ano, cinco disfarçados de menino branco, menino preto, menino castanho, menina amarela e menino vermelho e o outro desempenhando a função de narrador.



### Meninos de Todas as Cores



## MENINOS DE TODAS AS CORES

Era uma vez um menino branco, chamado Miguel, que vivia numa terra de meninos brancos e dizia:

**É bom ser branco  
porque é branco o açúcar, tão doce  
porque é branco o leite, tão saboroso  
porque é branca a neve, tão linda.**

Mas certo dia o menino partiu numa grande viagem e chegou a uma terra onde todos os meninos são amarelos.

Arranjou uma amiga, chamada Flor de Lótus que, como todos os meninos amarelos, dizia:

**É bom ser amarelo  
porque é amarelo o sol  
e amarelo o girassol  
mais a areia amarela da praia.**

O menino branco meteu-se num barco para continuar a sua viagem e parou numa terra onde todos os meninos são pretos.

Fez-se amigo de um pequeno caçador, chamado Lumumba que, com os outros meninos pretos, dizia:

**É bom ser preto  
como a noite**

**preto como as azeitonas**

**preto como as estradas que nos levam a toda a parte.**

O menino branco entrou depois num avião, que só parou numa terra onde todos os meninos são vermelhos. Escolheu, para brincar aos índios, um menino chamado Pena de Águia. E o menino vermelho dizia:

**É bom ser vermelho  
da cor das fogueiras  
da cor das cerejas  
e da cor do sangue bem encarnado.**

O menino branco foi correndo mundo até uma terra onde todos os meninos são castanhos. Aí fazia corridas de camelo com um menino chamado Ali-Bábá, que dizia:

**É bom ser castanho  
como a terra do chão  
os troncos das árvores  
é tão bom ser castanho como o chocolate.**

Quando o menino voltou à sua terra de meninos brancos, dizia:

**É bom ser branco como o açúcar  
amarelo como o sol  
preto como as estradas  
vermelho como as fogueiras  
castanho da cor do chocolate.**

Enquanto, na escola, os meninos brancos pintavam em folhas brancas desenhos de meninos brancos, ele fazia grandes rodas com meninos sorridentes de todas as cores.

Luísa Ducla Soares, *Meninos de Todas as Cores*

- Diálogo do professor bibliotecário com os alunos sobre o poema, a existência de várias raças humanas... orientando as crianças para a questão Por que somos de cores diferentes?
- Durante o diálogo, os alunos procedem à colagem das imagens cartonadas dos cinco meninos - personagens do poema - sobre um mapa do mundo preparado para o efeito no placard da Biblioteca.
- Apresentação do livro – chuva de ideias sobre os motivos que levaram a haver cores de pele diferentes.

### Durante a Leitura

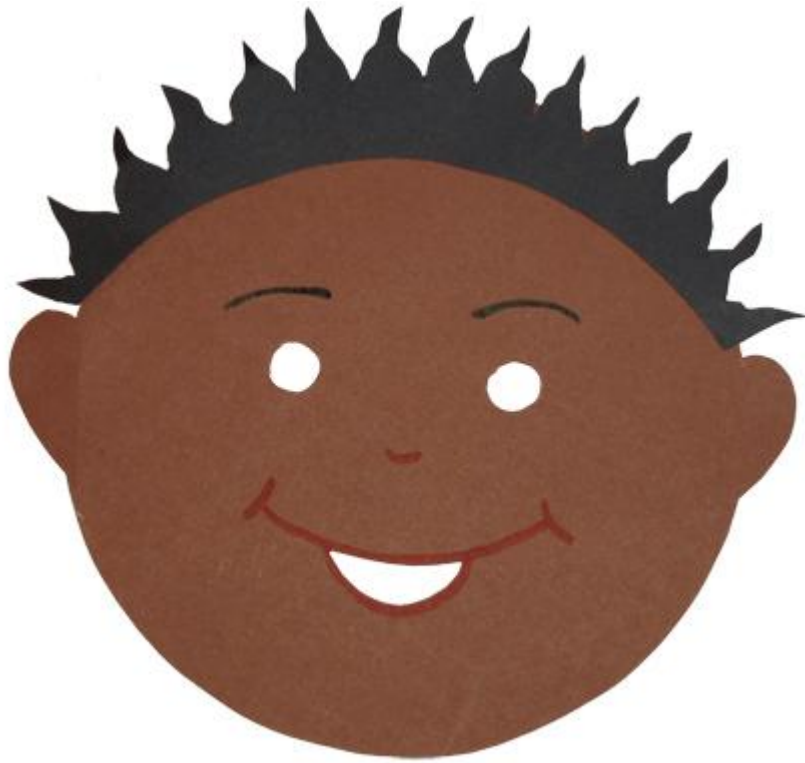
- Leitura dialogada do professor bibliotecário e alunos do 4º Ano de alguns excertos escolhidos da obra.



### Depois da Leitura

- Comparação das ideias adiantadas pelos alunos para justificar a existência de diferentes cores de pele com as apresentadas pelas personagens da obra.
- Distribuição de máscaras das diversas raças impressas a cores ou preto e branco em cartolina branca para serem recortadas pelos alunos.
- Desenho individual elaborado pelos alunos subordinado ao tema «As Crianças» para posterior exposição na Biblioteca. O melhor será seleccionado por um júri, copiado e impresso em papel autocolante para ser distribuído por todos os alunos da Escola no 1º de Junho.







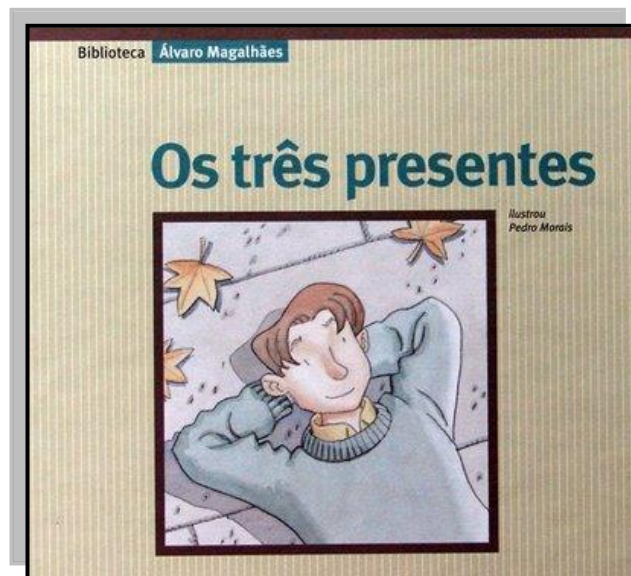
 **DEZEMBRO** 

# LER PARA...FAZER AMIGOS

ACTIVIDADE INSERIDA NA COMEMORAÇÃO DO NATAL



*OS TRÊS PRESENTES*, Álvaro Magalhães



**PÚBLICO-ALVO:** 1º e 2º Ciclos

**DURAÇÃO:** 90 minutos

**COMPETÊNCIAS:**

Esta obra permite aos alunos:

- Usar vocabulário que permita uma expressão oral correcta.
- Captar o sentido global do texto.
- Saber responder a perguntas sobre o que ouve.
- Construir frases correctas.
- Contar, resumidamente, histórias ou informações escutadas.
- Expressar-se por iniciativa própria em conversas, diálogos, debates.

- Intervir adequadamente, em diálogos, conversas, apresentação de trabalhos, regulando a sua participação.
- Criar hábitos de leitura através de laços afectivos e sociais com o acto de ler.
- Promover a autonomia na construção do saber e do fazer.

#### SINOPSE:

*Os três presentes* narra a história de uma amizade entre três jovens e um homem idoso, dobrado pela tristeza e pela doença. Pedro, Teresa e João escolheram os melhores presentes para o amigo doente: amor, silêncio e alegria. O problema era: como guardar alegria dentro de um frasco de vidro? E amor? Será que um pouquinho de amor também lá cabe? E um bom naco de silêncio? Eles experimentaram e o resultado foi o renascimento do Sr. Martins no dia mais diferente dos dias diferentes: o dia de Natal.

"Reparou então nos três presentes que as crianças lhe tinham levado (...) pegou no que dizia "Silêncio" e puxou a rolha.

Fosse pelo que fosse, sentiu-se imediatamente rodeado por um profundo silêncio e pôde ouvir, pela primeira vez, o mundo a respirar. Logo a seguir tirou a rolha do frasco que dizia "Alegria" e sentiu uma inesperada vontade de usar a velha cadeira para brincar ao eixo (...). Cada vez mais entusiasmado, abriu o terceiro frasco onde estava escrito "Amor", e no mesmo instante sentiu o coração crescer tanto que lá entraram todas as melodias do Universo. Sentia-se tão leve que se julgou capaz de voar."

#### SEQUÊNCIA DIDÁCTICA:

##### Antes da Leitura

- Distribuição pelos alunos de recortes feitos em cartolina representando enfeites e presentes de Natal, onde cada aluno escreve o seu nome e

aquele que considera ser o melhor presente que poderia oferecer a um amigo. Cada aluno lê o que escreveu e vai colar o seu recorte a decorar o grande pinheiro de Natal previamente desenhado em papel cenário e afixado à entrada da Biblioteca.

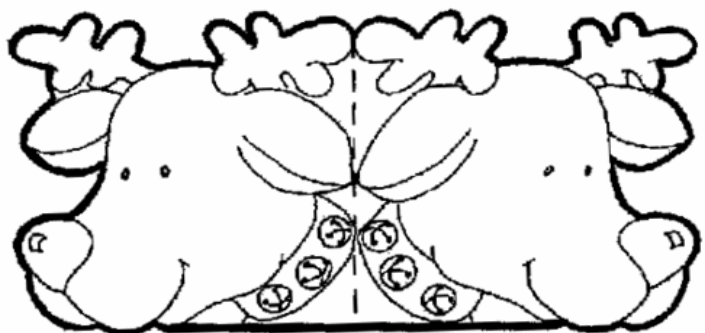
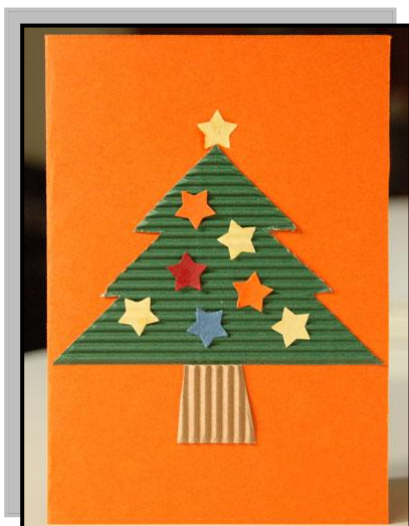


#### Durante a Leitura

- Leitura expressiva de excertos seleccionados da obra *Os Três Presentes*.

#### Depois da Leitura

- Diálogo com os alunos sobre a mensagem da obra, a sua opinião relativamente ao texto...
- Elaboração de cartões de Natal ou com pequenos poemas de Natal ou com frases da autoria dos próprios alunos, para decorarem a Biblioteca – colocam-se à volta de um grande saco de serapilheira, simulando as cartas das crianças caídas do saco do Pai Natal.







**FEVEREIRO**



"Amar a leitura é trocar horas de fastio por horas de inefável e deliciosa companhia." (John F. Kennedy)

"Um público comprometido com a leitura é crítico, rebelde, inquieto, pouco manipulável e não crê em lemas que alguns fazem passar por ideias." (Mário Vargas Llosa)

"A leitura engrandece a alma." (Voltaire)

## **LER PARA...AMAR**

**ACTIVIDADE INSERIDA NA COMEMORAÇÃO DO DIA DOS  
NAMORADOS**

**(14 DE FEVEREIRO)**

*O ESPANTALHO ENAMORADO, Guido Visconti*



**PÚBLICO-ALVO:** 1º Ciclo (3º Ano) e Encarregados de Educação

**DURAÇÃO:** 90 minutos

**COMPETÊNCIAS:**

Esta obra permite aos alunos:

- Mobilizar o conhecimento prévio sobre o tema e antecipar conteúdos;
- Inferir significados pelo contexto;
- Apreensão do sentido global de um texto;
- Enriquecer o léxico;
- Identificar e organizar informação determinante;
- Desenvolver o gosto pela leitura;
- Desenvolver a criatividade, a auto-estima e a responsabilidade.
- Criar o gosto pela leitura;
- Preservar a tradição;
- Representar momentos de uma actividade, passeio ou história;
- Interagir com o outro num trabalho de grupo;
- Conhecer e cumprir as regras de utilização dos materiais;



- Escolher e utilizar diferentes formas de combinação (cores) e materiais de diferentes texturas (pano, papel, lã, madeira, elementos da natureza...);
- Utilizar fantoches como suporte para a criação de pequenos diálogos, histórias...
- Contribuir para o alargamento do campo lexical.

#### SINOPSE:

Era uma vez um espantalho chamado Gustavo. Ele gostava de um outro espantalho chamado Amélia. Ele deixava que os pássaros picassem as espigas de milho porque depois pedia que entregassem as cartas de Amor a Amélia, em troca. Quando ela recebia as cartas, ela também ficava a pensar nele.

Um dia de Outono e com a nortada a soprar, ele disse:

– Ai, não vês que estas a tirar o meu chapéu? Queres que a Amélia veja que eu sou careca?

– Desculpa-me, vou-me embora...

– Não te vás embora, porque vem o nevoeiro e com ele não posso ver Amélia.

Depois apareceu o caçador e tentou dar um tiro na codorniz, mas ela escondeu-se no casaco do Gustavo. A codorniz disse:

- Obrigado por me teres salvo a vida! O que posso fazer por ti?

– Tu podes-me entregar este cachecol à minha querida Amélia?

- Sim posso entregar o cachecol ao teu amor que parece estar com frio...

Quando o caçador chegou cheio de caça, disse:

- Estou cheio de frio, porque deixaste o vento levar o meu cachecol?

Agora vou-te tirar o chapéu e o teu casaco.

Os animais quando viram o caçador a tirar a roupa de Gustavo, decidiram atacar o caçador. O caçador tentou defender-se usando o espantalho Gustavo como se fosse um bastão.

O caçador levou Gustavo para o topo da colina onde estava Amélia. Ele tirou o seu cachecol que estava no pescoço de Amélia, depois virou costas e foi-se embora.

Gustavo estava junto de Amélia só faltava um pormenor, então o vento soprou forte e fez com que Gustavo abraçasse Amélia, agora sim iam ficar juntos para sempre!



## SEQUÊNCIA DIDÁTICA:

### Antes da Leitura

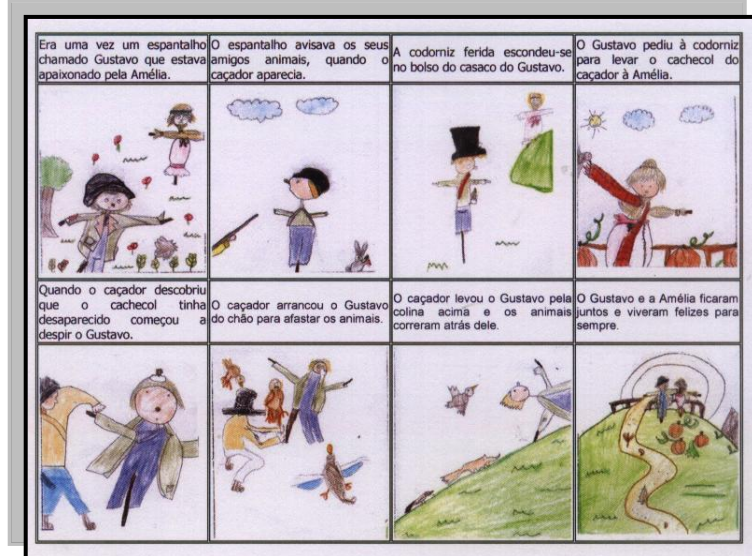
- Pequena dramatização, na qual o professor bibliotecário irá construindo a personagem principal do livro do escritor Guido Visconti (**um espantalho que está enamorado**), através da colocação teatralizada de adereços e os alunos terão que descobrir de quem se trata.

### Durante a Leitura

- Seguidamente alguns pais voluntários, em colaboração com professor bibliotecário, utilizarão fantoches de dedo e um fantocheiro para contar a história do **“O Espantalho Enamorado”**.

### Depois da Leitura

- A pares, pais e filhos ou alunos com alunos, completam a prancha da banda desenhada sobre o texto já dividida em vinhetas com as respectivas legendas.



- O grupo, alunos e pais, executa um casal de espantalhos para colocar nos jardins da Escola.



OU

- Com a colaboração dos Encarregados de Educação, os alunos realizam pequenos espantalhos fantoches.

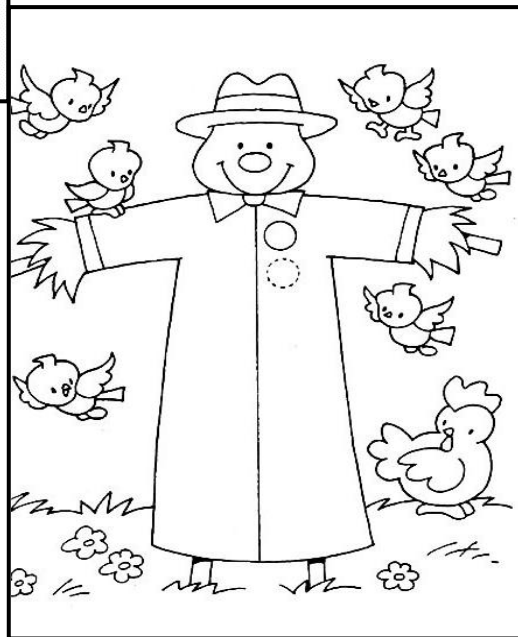


OU

- Pais e alunos enfeitam pequenos vasos de Gustavo, o espantalho enamorado.



- Como se trata da comemoração do Dia dos Namorados, estará um placard na Biblioteca com o título «AMOR É...» onde pais e alunos poderão escrever frases ou quadras sobre o tema.
- Os alunos levarão para casa desenhos para colorir alusivos à história que escutaram.





"Há o hábito de pensar que se entra numa biblioteca para procurar um livro. Não é verdade. Sim, por aí começa, mas o que na verdade se busca é a **aventura.**" (Umberto Eco)

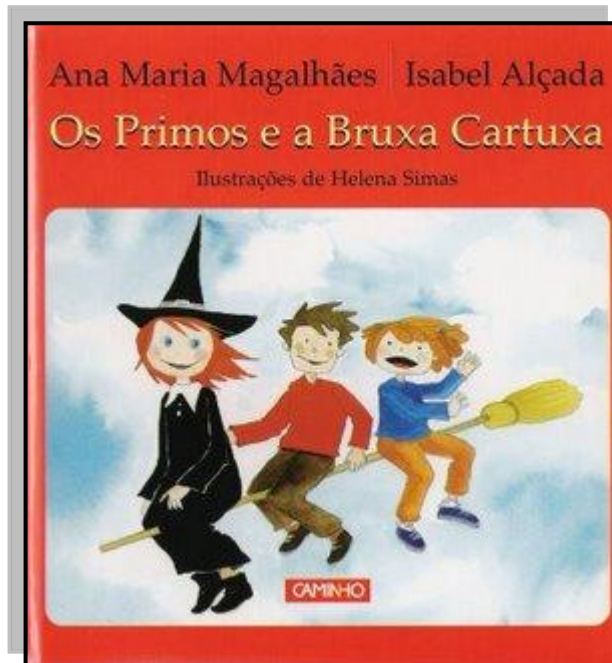
## LER PARA...VIVER AVENTURAS

ACTIVIDADE INSERIDA NA COMEMORAÇÃO DO CARNAVAL<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Esta actividade também pode ser comemorativa do HALLOWEEN

**OS PRIMOS E A BRUXA CARTUXA, Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada**



**PÚBLICO-ALVO:** 1º Ciclo (3º Ano)

**DURAÇÃO:** 90 minutos

**COMPETÊNCIAS:**

Esta obra permite aos alunos serem capazes de:

- ler melhor;
- alimentar o seu imaginário;
- franquear as portas do sonho, sem, contudo, deixarem de ter um pé assente na realidade;
- desenvolver a literacia.
- ser capaz de utilizar estratégias de antecipação, com base em associações lógicas;
- desenvolver o gosto pela leitura recreativa;
- conhecer vocabulário diversificado.

## SINOPSE:

Os primos viajam com a bruxa Cartuxa até ao Pólo Norte para salvarem uma baleia que está presa no gelo e enviou mensagens a pedir socorro.

## SEQUÊNCIA DIDÁCTICA:

### Antes da Leitura

- Os alunos serão previamente informados do objectivo do teatro de fantoches – motivá-los para a leitura da obra integral na disciplina de Língua Portuguesa – e, num ambiente criado para o efeito, com adereços de bruxas, o professor bibliotecário fará a apresentação do livro aos alunos. Far-se-á a exploração da capa, da contracapa, das autoras e ilustradora. A partir do título, os alunos irão antecipar o conteúdo e activar os seus conhecimentos sobre o tema.

### Durante a Leitura

- Os alunos assistirão ao teatro de fantoches adaptado do livro *Os Primos e a Bruxa Cartuxa*, levado a cabo pelo professor bibliotecário com a colaboração de alunos do 2º Ciclo (VER ANEXO I.)

### Depois da Leitura

- Os alunos desenharão o rosto da Bruxa Cartuxa (todos os desenhos serão colados numa longa fita que servirá de decoração da Biblioteca...



... e numa folha branca desenharão o momento da história que preferiram e a sua opinião sobre a mesma.



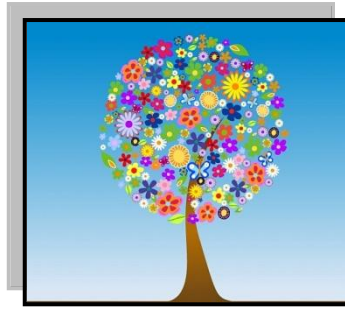
- Serão distribuídas aos alunos máscaras de Bruxa em papel, para brincarem ao Carnaval.



- Serão distribuídas aos professores interessados fichas que poderão aplicar aos seus alunos no estudo da obra integral apresentada durante esta sessão (ANEXO II).



**MARÇO**



"A poesia é a música da alma, e, sobretudo, de almas grandes e sentimentais."

(Voltaire)

"A poesia é mais profunda e filosófica do que a história." (Aristóteles)

"A poesia é o eco da melodia do universo no coração dos humanos." (Rabindranath Tagore)

"A mais humilde canção popular, quando imbuída de humanidade, é poesia." (Benedetto Croce)

"A poesia está na alma, como o rouxinol está nos ramos." (Alfred de Musset)

"Poesia é quando uma emoção encontra o seu pensamento e o pensamento encontra palavras." (Robert Frost)

"A poesia é o sentimento que sobra ao coração e sai pela mão." (Carmen Conde)

"O poeta é uma mentira que sempre diz a verdade." (Jean Cocteau)

"A poesia imortaliza tudo o que há de melhor e de mais belo no mundo." (Mary Shelley)

"Todo homem é poeta quando está apaixonado." (Platão)

"O esplendor da relva só pode mesmo ser percebida pelo poeta. Os outros pisam nela. Um mérito inegável da poesia: ela diz mais e em menor número de palavras que a prosa." (Voltaire)

"É tão impossível traduzir a poesia como é traduzir a música." (Voltaire)

"Poesia são pensamentos que respiram, e palavras que queimam." (Thomas Gray)

"É tão fácil ser poeta, e tão difícil ser um homem." (Charles Bukowski)

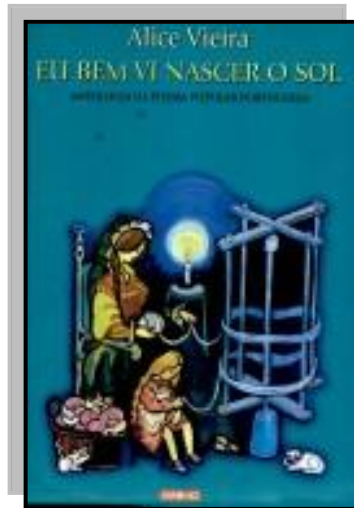
"O sentimento é a poesia da imaginação." (Alphonse de Lamartine)

"A poesia é um espelho que torna bonito aquilo que é distorcido." (Percy Bysshe Shelley)

# LER PARA...PASSAR O TEMPO

ACTIVIDADE INSERIDA NA COMEMORAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA  
POESIA  
(21 DE MARÇO)

*EU BEM VI NASCER O SOL. ANTOLOGIA DA POESIA POPULAR  
PORTUGUESA, Alice Vieira*



**PÚBLICO-ALVO:** 1º Ciclo (2º Ano) e Encarregados de Educação

**DURAÇÃO:** 90 minutos

**COMPETÊNCIAS:**

**Ser capaz de:**

- Desenvolver a capacidade de retenção de informação oral.
- Compreender enunciados orais nas suas implicações linguísticas e paralinguísticas.
- Criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral.
- Estimular as relações interpessoais.
- Contactar com textos de géneros e temas variados, da literatura nacional e universal.

- Conhecer-se a si mesmo, valorizando a própria identidade e as raízes.
- Propiciar a construção de um espírito de pertença ao grupo turma, comunidade escolar e nacional.

#### SINOPSE:

Cerca de uma centena de rimas infantis, onde se incluem as mais conhecidas e que têm acompanhado o crescimento das crianças ao longo de muitas gerações. Encontramos nesta obra canções de embalar, lengalengas, toadas sem fim, quadras populares, rimas de jogos, adivinhas, cantigas, histórias rimadas infantis, ensalmos, romances rimados, textos que divertem crianças e adultos e geram um espaço de comunhão. Representam um património de poesia popular relevante para uma identidade cultural e para o desenvolvimento do imaginário infantil desde os primeiros meses de vida.

#### SEQUÊNCIA DIDÁCTICA:

##### CHÁ COM POESIA

- Durante um frugal lanche, pais/encarregados de educação e alunos declamarão ou lerão poemas escolhidos por si, dentro dos constantes na antologia poética de Alice Vieira.
- Como recordação deste convívio, os alunos oferecerão aos seus familiares flores realizadas pelos alunos em papel esponja, às quais o professor bibliotecário prendeu um pequeno cartão com um poema e a nota «Lembrança de...».



**Sugestão:** A Biblioteca estará decorada com poesias e frases sobre a poesia, num computador estará a passar um powerpoint com a biografia da autora e estarão disponíveis fichas sobre a obra, para os professores que desejem aplicá-las aos seus alunos (ANEXO III).

# LER PARA...SONHAR

ACTIVIDADE INSERIDA NA COMEMORAÇÃO DO DIA  
INTERNACIONAL CONTRA O RACISMO  
(21 DE MARÇO)

*UMA QUESTÃO DE COR*, Ana Saldanha



**PÚBLICO-ALVO:** 2º Ciclo (5º Ano)

**DURAÇÃO:** 90 minutos

**COMPETÊNCIAS:**

- Desenvolver o gosto pela leitura;
- Compreender e produzir discursos orais;
- Interagir verbalmente de uma forma apropriada;
- Ser um leitor fluente e crítico;
- Mobilizar o conhecimento prévio sobre o tema;
- Inferir significados pelo contexto;
- Aprender o sentido global de um texto;
- Contar, resumidamente, textos escritos lidos (histórias, notícias, informações,...), distinguindo o essencial do acessório;
- Identificar e organizar informação determinante;
- Desenvolver a criatividade, a auto-estima e a responsabilidade;

- Contribuir para o alargamento do campo lexical.

### **SINOPSE:**

Quando a prenda de Natal é um computador, quem quer saber do trabalho de casa de Matemática? Todo os momentos livres são necessários para jogar uns jogos malucos.

Os pais da Nina é que não concordam. Nem o Danny, o primo que vem viver para casa dela.

Por que teve o Danny de mudar de escola? O que fazer em casos de ataques de criancice? E quando há falhas no sistema? E o Vítor, por que começa a comportar-se de forma tão palerma? Será que os amigos da Nina não compreendem que somos todos diferentes, mas todos iguais?

### **SEQUÊNCIA DIDÁCTICA:**

#### **Antes da Leitura**

- Dois alunos do 3º Ciclo, caracterizados de jornalista e da escritora Ana Saldanha, simularão uma entrevista televisiva. Esta entrevista, elaborada anteriormente com o professor bibliotecário, permitirá aos alunos mais jovens ficarem a conhecer factores marcantes da obra da autora.

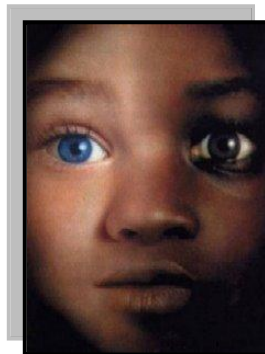


### Durante a Leitura

- Os alunos do 3º Ciclo farão a leitura expressiva e dialogada de alguns excertos escolhidos pelo professor bibliotecário.

### Depois da Leitura:

- Após o reconto da obra e um breve diálogo sobre o racismo, cada aluno escreverá uma frase sobre o racismo, que será lida em voz alta.
- Todos os alunos escreverão as suas frases em fitas brancas, que atarão a balões coloridos já cheios de hélio.
- Nos jardins da Escola, na presença de todos os elementos da comunidade escolar que queiram participar, far-se-á a largada de balões com as mensagens dos alunos, imagens contra o racismo e frases de autores conhecidos.



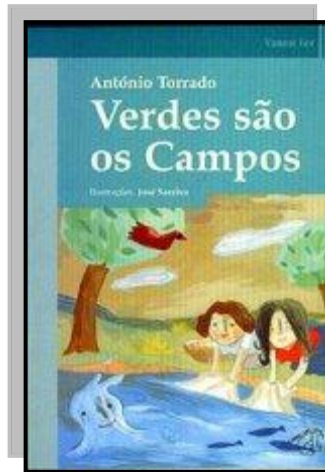
«Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos  
haverá guerra.» Bob Marley

# LER PARA...VIAJAR A OUTRO TEMPO

ACTIVIDADE INSERIDA NA COMEMORAÇÃO DO DIA MUNDIAL DO  
TEATRO  
(27 DE MARÇO)



*VERDES SÃO OS CAMPOS – LENDAS TEATRALIZADAS DO VALE DO  
MINHO, António Torrado*



**PÚBLICO-ALVO:** 1º Ciclo, 2º Ciclo e 3º Ciclo e Encarregados de Educação

**DURAÇÃO:** 60 minutos

**COMPETÊNCIAS:**

- Descobrir a magia das histórias tradicionais.
- Compreender vocabulário diversificado utilizado em situações comunicacionais de natureza distinta, formais e informais.

- Conhecer marcas da oralidade características de situações comunicacionais distintas.
- Conhecer produções do património oral (contos, lendas, quadras populares, trava-línguas, provérbios, lengalengas, pregões,...).
- Contactar com textos de géneros e temas variados, da literatura nacional e universal.
- Criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral.
- Vivenciar acontecimentos artísticos em contacto directo (espectáculos).

### SINOPSE:

Verdes são os campos das margens do Minho. Ao longo do percurso, o rio atrai para as suas águas o brilho dos olhos de quem o vê. De caminho, aviva e conta, sussurrando, muitas das lendas que mergulham as raízes nas águas férteis como freixos e choupos sempre verdes.

A peça é uma viagem pelo tempo em que todos os seres da natureza tinham voz. Os rios falavam, as pedras cantavam... Só o teatro pode proporcionar essa maravilha que encantará em roda na clareira de todos os prodígios.



### SEQUÊNCIA DIDÁCTICA:

A comunidade escolar assistirá à representação da obra levada a cabo pelos elementos do Grupo de Teatro, sob orientação do professor bibliotecário.

No final, serão distribuídos pelos presentes marcadores de livros alusivos à data.





**ABRIL**

A leitura é uma fonte inesgotável de prazer mas por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente esta sede. (Carlos Drummond de Andrade)

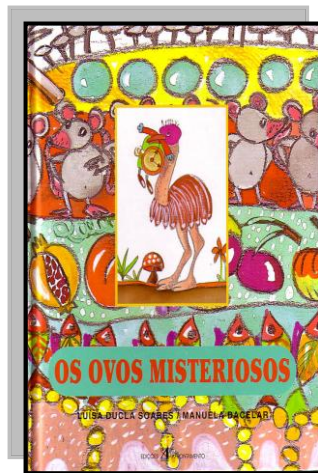
A leitura de um bom livro é um diálogo incessante: o livro fala e a alma responde. (André Maurois)

Os meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever - inclusive a sua própria história. (Bill Gates)

# LER PARA...AMAR

ACTIVIDADE INSERIDA NA COMEMORAÇÃO DO DIA  
INTERNACIONAL DO LIVRO INFANTIL E PREPARAÇÃO DA PÁSCOA  
(2 DE ABRIL)

*OS OVOS MISTERIOSOS*, Luísa Ducla Soares



**PÚBLICO-ALVO:** 1º Ciclo (1º Ano)

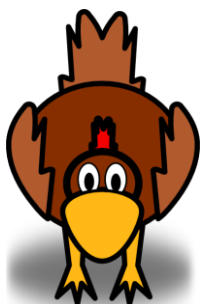
**DURAÇÃO:** 90 minutos

**COMPETÊNCIAS:**

- Compreender o essencial da mensagem oral.
- Saber distinguir o essencial do acessório.
- Responder adequadamente a perguntas sobre o que ouve.
- Exprimir-se oralmente com progressiva autonomia e clareza em função de objectivos diversificados.
- Comunicar oralmente tendo em conta a oportunidade, a situação e o tempo disponível.
- Desenvolver a capacidade de retenção de informação oral.

**SINOPSE:**

Trata-se de um livro que aborda as questões dos afectos e da tolerância face à diferença, pelo que relata o amor incondicional de uma mãe galinha pela sua muito estranha ninhada, concluindo-se que a afinidade e os laços familiares se vão sobrepor às diferenças que acabam por revelar-se positivas.



Era uma vez uma galinha que já estava farta de pôr ovos para os donos comerem porque estava na hora de ter filhotes.

Um dia decidiu fugir. Quando a dona chegou à capoeira para ir buscar mais ovos, viu que a galinha tinha desaparecido.

Então a galinha correu, correu, correu, até chegar ao mato. Quando chegou ao mato, fez um ninho redondinho, com palha seca, folhas secas e farrapinhos de lã. De seguida, pôs um ovo branquinho e foi à procura de comida para se alimentar. Quando chegou, tinha lá mais ovos e sentou-se em cima deles.

Os dias iam passando, o primeiro ovo estalou e saiu um papagaio, do seguinte ovo saiu uma serpente, depois um crocodilo, uma avestruz e, por fim, um pintainho, o único filho da galinha.

A galinha via-se aflita para arranjar comida para os seus filhos. O papagaio voava e ela não voava, a serpente enfiava-se nos buracos e ela não cabia, o crocodilo estava sempre na água e ela não sabia nadar, a avestruz comia muito. Só para o pintainho é que era fácil arranjar comida.

Um dia, o pintainho, já grandinho, ia ser raptado por um menino, mas os irmãos foram salvá-lo e o menino, muito assustado, fugiu e deixou o pintainho.

Nessa noite, a mãe fez um bolo de vários andares, com as comidas preferidas dos filhos e começaram a cantar uma canção.

## SEQUÊNCIA DIDÁCTICA:

### Antes da Leitura

- Declamação por um aluno da turma (previamente escolhido) do poema de Miguel Torga:

**Sei um ninho.  
E o ninho tem um ovo.  
E o ovo, redondinho  
Tem lá dentro um passarinho  
Novo.  
Mas escusam de me atentar:  
Nem o tiro, nem o ensino.  
Quero ser um bom menino  
E guardar  
Este segredo comigo.  
E ter depois um amigo  
Que faça o pino  
A voar...**

### Durante a Leitura

- Visualização de um powerpoint com o texto e imagens animadas, acompanhada da leitura expressiva realizada pelo professor bibliotecário.



### Depois da Leitura

- Análise da história, realização de ilustrações sobre a mesma e colectânea dessas ilustrações num livrinho que ficará exposto na Biblioteca.



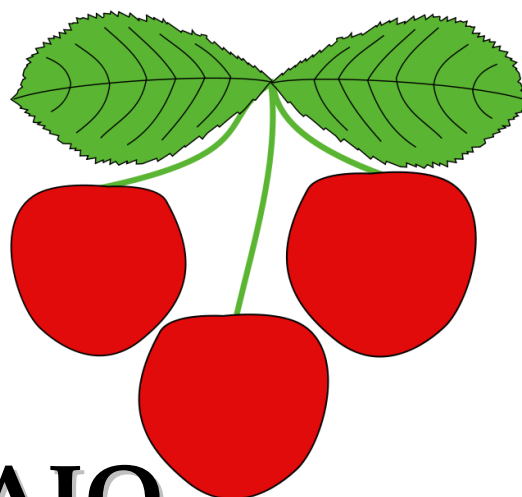
- Realização de fantoches de lápis das personagens da obra, que poderão ser usados para fazer um Teatrinho de Fantoches na sala de aula, para recontarem a história.



- Decoração de ovos da Páscoa com os mais diversos materiais, dando largas à imaginação e criatividade das crianças.



“ ...ouvir histórias é guardar tesouros dentro de si: brilho, pedrarias, cintilações de escamas doiradas de dragões ou de varinhas mágicas de cristal e de condão que nenhuma imaginação do todo-poderoso audiovisual conseguirá jamais transmitir.” (Isabel Mendonça Soares)



**MAIO**

# LER PARA...CONTAR

ACTIVIDADE INSERIDA NA COMEMORAÇÃO DO DIA  
INTERNACIONAL DA FAMÍLIA  
(15 DE MAIO)



*CONTOS TRADICIONAIS*, recontados por António Mota



**PÚBLICO-ALVO:** 1º Ciclo (2º Ano) e Familiares, de preferência Avós.

**DURAÇÃO:** 90 minutos

**COMPETÊNCIAS:**

- Promover a recolha e divulgação de contos tradicionais
- Expressar-se em banda desenhada.
- Compreender o essencial da mensagem oral.
- Responder adequadamente a perguntas sobre o que ouve.
- Pronunciar bem as palavras.
- Usar vocabulário que permita uma expressão oral correcta.
- Respeitar bem a pontuação.

- Dar expressividade às frases.
- Transpor enunciados orais para outras formas de expressão
- Compreender o que lê.
- Captar o sentido global do texto.
- Saber responder a perguntas sobre o que lê.
- Desenvolver a motricidade na utilização de diferentes técnicas artísticas.
- Participar activamente no processo de produção artística.

### SEQUÊNCIA DIDÁCTICA:

- Os Pais, Avós ou outros familiares partilharão com os alunos contos tradicionais da sabedoria popular que conheçam.
- Em grupos, os alunos farão a leitura expressiva de alguns dos contos populares recolhidos por António Mota.
- Finalmente, em grupo (crianças e familiares) farão a banda desenhada do conto que mais gostaram de ouvir.
- A Biblioteca estará decorada com pranchas de banda desenhada sobre contos tradicionais portugueses.





**JUNHO**

- **Porque ler é ouvir, interiorizar, reflectir...**
- **Porque** tanto a leitura como a **música** nos abrem portas para o mundo da fantasia...
- **Porque** as nossas crianças e jovens estão, por norma, muito motivados para a música e muito menos motivados para a leitura. Assim, juntar as duas linguagens torna a promoção da leitura mais natural, suave e interessante...
- **Porque** muitos textos estão cheios de **música**...
- **Porque** há muitas **canções** que suscitam diferentes leituras...
- **Porque** podemos recolher/ler/analisar/modificar as letras das canções...
- **Porque** se pode escrever um texto a partir de uma **melodia**...
- **Porque** se pode **compor** uma melodia a partir de um texto...
- **Porque** as histórias podem ser contadas, mas também cantadas...
- **Porque** a literatura tem na poesia a sua forma literária porventura mais **musical**...
- **Porque** as lenga-lengas, os trava - línguas, as rimas tradicionais estão repletos de **sonoridade (s)**...

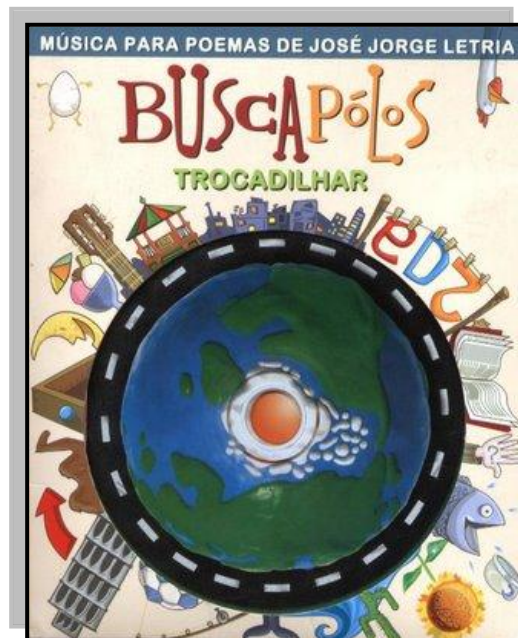
- **Porque** podemos ler com diferentes **entoações**, vozes, encarnando diferentes personagens...
- **Porque** podemos falar com outros alunos, portugueses ou estrangeiros, sobre os livros que lemos...
- **Porque** podemos atentar na musicalidade própria das línguas estrangeiras...
- **Porque** podemos partilhar com eles as canções que escutamos...
- **Porque** podemos servir-nos das novas tecnologias de informação e comunicação para alargar os nossos horizontes nestas duas áreas do saber...
- **Porque** há várias efemérides ligadas a cada uma destas linguagens que podemos **comemorar**...
- **Porque** se não tivermos o hábito de ler com os nossos pais e avós, pelo menos **ouvimos** música com eles...
- **Porque** faz parte do imaginário do ser humano adormecer ao som de uma canção de embalar e/ou de uma história, que também nos embala. Aí, a leitura e a música adormecem connosco e levamo-las para os nossos sonhos...
- **Porque sem sonhar, nada se constrói...**

*Adaptado do Projecto Integrado de Leitura "A LER+" - Projecto "Música e Leitura na mesma Partitura"*

# LER PARA...CANTAR

ACTIVIDADE INSERIDA NA COMEMORAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA  
CRIANÇA  
(1 DE JUNHO)

*TROCADILHAR*, José Jorge Letria



**PÚBLICO-ALVO:** 1º Ciclo (1º Ano)

**DURAÇÃO:** 90 minutos

**COMPETÊNCIAS:**

- Identificar elementos sonoros comuns e diferentes em rimas, lengalengas, poemas.
- Valorizar o património artístico.
- Capacidade para experimentar e dominar progressivamente as possibilidades do corpo e da voz, através de actividades lúdicas.
- Enriquecer das vivências sonoro - musicais .

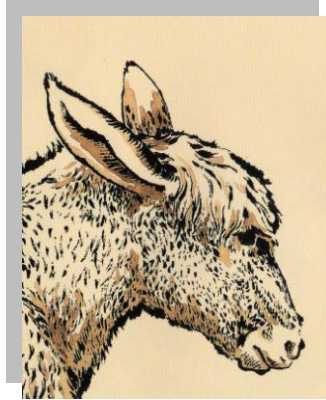
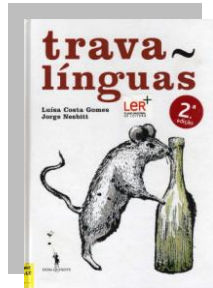
- Capacidade para participar em projectos pessoais ou de grupo;
- Desenvolver o gosto de usar a voz e o corpo na Comunicação.
- Mobilizar todos os sentidos na percepção do mundo envolvente.
- Conhecer produções do património oral (contos, lendas, quadras populares, trava-línguas, provérbios, lengalengas, pregões,...).
- Contactar com textos de géneros e temas variados, da literatura nacional e universal.

**SINOPSE:**

O *Trocadilhar* é o primeiro trabalho discográfico do Buscapólos, lançado ao público em Novembro de 2002, e reúne 13 músicas para 13 poemas de José Jorge Letria. Estes poemas foram recolhidos de vários livros já publicados. São poemas bastante ricos do ponto de vista rítmico, fonético, temático e da métrica. A simplicidade dos poemas, bem como o seu carácter lúdico, são características muito vincadas, alguns começam por ser brincadeiras de palavras e os seus próprios sons e outros são ideias cómicas, em que as palavras ganham novos sentidos, diferentes dos que já eram conhecidos, chegando a entrar no “non-sense” num mundo a que as crianças acedem mais facilmente que os adultos. Uma das vontades do Buscapólos durante o processo criativo era que as músicas se fundissem numa forma muito natural com os poemas, e que de certa forma estas canções pudessem dar origem a jogos de palavras simples, transformando-os em canções-brinquedo de pátio de escola. Este *Trocadilhar* vai ao sabor de cada poema gerando estilos e ambientes musicais variados, por vezes até contrastantes, fazendo com que cada criança/ ouvinte possa aceder a várias linguagens musicais.

### SEQUÊNCIA DIDÁTICA:

- Os alunos começarão por tentar dizer rápido alguns trava-línguas retirados da obra de Luísa Costa Gomes. Por exemplo:



Esta burra torta trota.  
Trota trota a burra torta  
pró quintal da cabra parda.  
Trota a burra torta trota,  
trinca a murta, a murta brota  
na horta da cabra parda.  
Diz a cabra para a burra:  
- Mordes murta, burra torta?  
- Mordo muita cabra parda.  
Trota a burra trota torta  
atrás da cabra na horta.  
Pisa a murta e torta trota.  
Zurra a burra,  
zurra, zurra.  
Trinca a cabra e a murta murcha.

- De seguida, ouvirão alguns dos poemas de José Jorge Letria, musicados pelos Buscapólos.

«Os poemas de José Jorge Letria encantam.

Musicados pelo Buscapólos arrebatam as crianças e conduzem-nas àquele mundo do sonho e da fantasia onde se estabelece um primeiro e definitivo contacto com a arte.

A descoberta de novos sentidos para palavras já velhas conhecidas, o encontro com palavras novas que se apresentam inesperadas e tão belas, ora ao ritmo alegre de dança, ora ao ritmo suave, próximo das canções de embalar, será um prazer certo e seguro para os mais pequenos. Mas também para os grandes que os acompanham em casa ou na escola... » (Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada)

- Finalmente, os alunos tentarão cantar eles próprios os poemas de José Jorge Letria.





- Identificar técnicas e instrumentos e ser capaz de os aplicar com correcção e oportunidade;
- Mobilizar todos os sentidos na percepção do mundo envolvente;
- Aplicar adequadamente vocabulário específico;
- Ser capaz de se pronunciar criticamente em relação à sua produção e à dos outros;
- Ter em conta a opinião dos outros, quando justificada, numa atitude de construção de consensos como forma de aprendizagem em comum;
- Comparar diferentes formas de expressão artística;
- Conhecer ambientes de trabalho relacionados com actividades artísticas (oficinas de artistas, artesãos) e suas problemáticas/especificidade;
- Desenvolver potencialidades musicais múltiplas, através do corpo em movimento, jogos de roda, danças...;
- Aplicar adequadamente vocabulário específico;
- Ser capaz de interagir com os outros sem perder a individualidade e a autenticidade;
- Ser capaz de se pronunciar criticamente em relação à sua produção e à dos outros;
- Valorizar a expressão espontânea;
- Comparar diferentes formas de expressão artística;
- Conhecer ambientes de trabalho relacionados com actividades artísticas.

## NOTA CONCLUSIVA

Razões de ordem profissional motivaram a nossa transferência para uma outra escola também esta no interior do país.

As vinte razões para ler que constituem o nosso projecto apresentam um carácter quase universal pelo que acreditamos que numa escola tão semelhante à anterior as actividades aqui apresentadas servem os contextos onde nos inserimos agora.

Todavia, sabendo que os alunos são diferentes uns dos outros e que as escolas também diferem em aspectos vários, continuamos a acreditar no valor formativo da leitura e na possibilidade de adaptação do projecto inicial, a qualquer escola.

Ao terminarmos, impõe-se reiterar o lugar imprescindível da prática da leitura pois mais importante do que elaborar bonitos projectos de leitura é acreditar no seu valor formativo, na crença de que se não formos leitores não sabemos para onde vamos. Ora, não saber para onde ir é não ter identidade, não se conhecer a si mesmo o que pode indiscutivelmente colocar em perigo quer a literacia quer a própria cidadania.

Sardinha (2008) alertava que a leitura pode vir a ter um valor subversivo se todos, mas todos, não forem leitores críticos, assíduos que façam da leitura um projecto de vida. Todavia, a autora vem referindo ao longo dos seus escritos que a crença é fundamental.

Finalizamos com a crença de que a presente “revolução leitora” trará às sociedades do presente e do futuro os benefícios de que todos necessitamos e merecemos.

# **BIBLIOGRAFIA**

**AZEVEDO**, Fernando (2006). Educar para a Literacia: Para uma Visão Global e Integrada da Língua Materna in *Língua Materna e Literatura Infantil*. Fernando Azevedo (coord.). Lisboa: Lidel Edições.

**AZEVEDO**, Fernando (2006). Recepção Leitora e Competência Literária in *Língua Materna e Literatura Infantil*. Fernando Azevedo (coord.). Lisboa: Lidel Edições.

**AZEVEDO**, Fernando (2007). Construir e Consolidar Comunidades Leitoras em Contextos Não Escolares in *Formar Leitores: das Teorias às Práticas*. Fernando Azevedo (coord.). Lisboa: Lidel Edições

**BERTMAN**, Stephen (2001). *Hipercultura (O Preço da Pressa)*. Lisboa: Instituto Piaget.

**CERRILLO**, Pedro (2006). Literatura Infantil e Mediações, Fernando Azevedo (coord.) in *Língua Materna e Literatura Infantil: Elementos Nucleares*. Lisboa: Lidel Edições.

**DE LA FLOR**, Fernando R. (2004). *Biblioclasmo (Por uma Poética Crítica da Lecto-Escrita)*. Lisboa: Cotovia.

**ECO**, Umberto (2004). *Os Limites da Interpretação*. 2ª ed. Lisboa: Difel.

**FRAISSE**, Emmanuel & **POMPOUGNAC**, Jean-Claude & **POULIN**, Martine (1997). *Representações e Imagens da Leitura*. São Paulo: Atica.

**FURTADO**, José Afonso (2000). *Os Livros e as Leituras (Novas Ecologias da Informação)*. Lisboa: Livros e Leituras.

**GUARDINI**, Romano (1994). *Elogio do Livro*. Lisboa: Grifo.

**JOUVE**, Vicente (1993). *La Lecture*. Paris: Hachette.

**LEWIS**, C. S. (2003). *A Experiência de Ler*. Porto: Porto Editora.

**LANDOW**, George P., comp. (1997). *Teoría dei Hipertexto*. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós.

**MANGUEL**, Alberto (1998). *Uma História da Leitura*. Lisboa: Presença.

**MARINA**, José António & **VÁLGOMA**, Maria de Ia (2007). *A Magia de Ler*. Lisboa: Âmbar.

**MORAIS**, José (1997), *A Arte de Ler (Psicologia Cognitiva da Leitura)*. Lisboa: Cosmos.

**MORIN**, Edgar (2002). *Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento (A Cabeça Bem Feita)*. Lisboa: Instituto Piaget.

**NUNES**, Henrique Barreto (1998). *Da Biblioteca ao Leitor*. 2ª ed. Braga: Autores de Braga.

**PENNAC**, Daniel (1993). *Como Um Romance*. Lisboa: Asa.

**PTRISST**, Gabriel (2005). *Elogio da Leitura*. São Paulo: Manole.

**REIS, Carlos** (2007). «0 day after de uma crise: novos horizontes da leitura» in AA. W., *Novos Horizontes das Humanidades*. Braga: Faculdade de Filosofia, 67-88.

**SARDINHA, Maria da Graça** (2005). *As Estruturas Linguísticas, Cognitivas e Culturais e a Compreensão Leitora*. Tese de Doutoramento. Universidade da Beira Interior. Covilhã.

**SARDINHA, Maria da Graça** (2007). Formas de Ler: Ontem e Hoje in *Formar Leitores das Teorias às Práticas*, Fernando Azevedo (coord). Lisboa Lidel Edições.

**SARDINHA, Maria da Graça** (2008). Conferência no âmbito de Seminário *Transversalidade da Língua Portuguesa: Representações, Instrumentos e Práticas*. LEIP. Universidade de Aveiro, 18 de Abril.

**SARTORI, Giovanna** (2000). *Homo Videns (Televisão e Pós-Pensamento)*. Lisboa: Terramar

**STEINER, George** (2003). O Leitor Incomum in *Paixão Intacta*. Lisboa: Relógio d'Água.

**VEEN, Wim & VRAKKING, Ben** (2006). *Homo Zappiens: Growing Up in A Digital Age*. London: Network Continuum Education.

**ZILBERMAN, Regina** (2001). *Fim do Livro, Fim dos Leitores?* São Paulo: Editora Senac.

## **WEBGRAFIA**

<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/>

<http://sitio.dgidc.min-edu.pt/linguaportuguesa/Paginas/PNEP.aspx>

<http://www.fundaciongsr.es/>

## **OUTRA BIBLIOGRAFIA**

Práticas de Promoção da Leitura nos Países da OCDE

GEPE Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação, ME

José Soares Neves, Maria João Lima, Vera Borges

# **ANEXO I**

## Texto para teatro de fantoches

### Adaptação do livro *Os Primos e a Bruxa Cartuxa*

**Narrador** - Matilde e Gonçalo foram passar férias à quinta dos avós. A primeira a chegar foi a Matilde, que estava ansiosa por ver chegar o primo.

*Surge a Matilde.*

**Narrador** - Finalmente, Gonçalo apareceu, e a prima ficou muito feliz.

*Surge o Gonçalo. Abraçam-se*

**Gonçalo** – Olá Matilde!

**Matilde** – Olá Gonçalo! Até que enfim! Já estava à espera há imenso tempo.

**Narrador** - Na quinta havia uma arrecadação, que servia de garagem. Aí se guardavam muitos objectos que já não serviam para nada.

**Gonçalo** - Matilde, vamos buscar as nossas bicicletas para irmos dar o passeio que tínhamos combinado pela floresta ?

**Matilde** - Vamos!

*Trazem bicicletas.*

**Matilde** - Oh ! Os pneus estão furados!

**Narrador** - Na arrecadação encontraram uma bomba, encheram os pneus e lá foram todos contentes pela floresta. De repente, Gonçalo travou bruscamente, quase atropelou a prima para não chocar com uma vegetação muito cerrada e cheia de picos.

**Gonçalo** - Vamos ver o que existe por trás daquela vegetação ?

**Matilde** - Sim. Mas como é que passamos para o lado de lá ?

**Narrador** - Foram buscar uns paus para ajudarem a afastar os arbustos e não se picarem. Entretanto ouviram uns barulhos esquisitos:

**Vozes** - Miau Miau

**Gonçalo** - Parecem gatos a miar.

**Narrador** – Quando abriram o buraco na sebe os primos avistaram um quintal muito desarrumado, cheio de tralhas e pneus amarrados às árvores com cordas servindo de baloiço a gatos. Era um autêntico recreio de gatos!

**Matilde** – Outro barulho ? Mas este é diferente.

**Narrador** - De repente apareceu de trás de uma laranjeira a Bruxa Cartuxa. Vinha muito sorridente e cumprimentou os primos com alegria.

*Aparece a Bruxa Cartuxa.*

**Bruxa Cartuxa** - Olá, meninos ! Eu sou a Bruxa Cartuxa! Gostaria de vos convidar a entrar em minha casa, para lancharem comigo.

**Narrador** - Os primos olharam um para o outro desconfiados e pensando no que lhes ia dar a comer, mas lá entraram. A Bruxa disse umas palavras mágicas e a mesa pôs-se com coisas boas.

*Fingem que comem*

**Gonçalo e Matilde** – O lanche é delicioso!

**Narrador** - Entretanto um quadro mágico começou a transmitir mensagens.

**Bruxa Cartuxa** - Temos que ir salvar a minha amiga baleia que está em perigo. Venham comigo na minha vassoura.

*Sentam-se os três numa vassoura.*

**Gonçalo e Matilde** – Ai ! Ai ! A vassoura está aos ziguezagues e vamos cair.

**Bruxa Cartuxa** - Não tenham medo ! Vou chamar a minha amiga águia que os transportará no seu dorso fofo até ao mar.

*Aparece uma águia e os primos sentam-se nas suas costas. Seguem atrás da bruxa que continua na sua vassoura.*

**Narrador** - A águia transportou os primos sem problemas. Ao chegarem ao local viram uma pobre baleia entalada entre um grande bloco de gelo e um rochedo.

Surge a baleia a chorar e suspira.

Baleia- Tirem-me daqui. Não posso mais!

**Matilde** - Vai ser muito difícil conseguir salvá-la.

**Bruxa Cartuxa** - Vocês sabem nadar ?

**Gonçalo e Matilde** - Sim, sabemos.

**Bruxa Cartuxa** - Ainda bem, porque eu debaixo da água perco os meus poderes mágicos.

**Narrador** - A bruxa disse umas palavras mágicas e apareceu todo o material necessário para salvar a baleia.

*Fazem esforços para puxar a baleia, até que a conseguem soltar.*

**Narrador** - Tanto fizeram que conseguiram salvá-la. A baleia ficou tão feliz e rodopiou no mar deitando esguichos de água pela cabeça como se agradecesse aos seus amigos. A bruxa e a águia subiram ao céu voando de alegria por terem salvo a amiga.

**Gonçalo e Matilde** - Por favor, não nos deixem aqui ! Venham buscar-nos.

**Bruxa Cartuxa** - Calma, meninos. Não tenham medo que não os deixamos aqui.

*A Bruxa e a Águia voltam a pousar*

**Bruxa Cartuxa** - Saltem para as costas da águia e vamos embora.

**Narrador** – E lá foram novamente para suas casas, muito felizes por terem cumprido uma bela missão e prometeram à bruxa que em breve iriam visitá-la para conhecerem a sua amiga fada atarantada.

# **ANEXO II**



**Ficha de Trabalho**  
***Os Primos e a Bruxa Cartuxa***

**Capítulo I**  
**Um Sábado especial**

Depois de leres o capítulo com atenção responde ao que te é pedido.

Personagens: \_\_\_\_\_

Espaço: \_\_\_\_\_

Tempo: \_\_\_\_\_

1- Quem foi a primeira pessoa a chegar à quinta?

R: \_\_\_\_\_

2- O que fez enquanto esperava pelo primo?

R: \_\_\_\_\_

3- Qual foi o meio de transporte que o primo usou para chegar à quinta?

R: \_\_\_\_\_

4- Como se chamava o primo da Matilde?

R: \_\_\_\_\_

5- O que sentiram quando se encontraram?

R: \_\_\_\_\_

6- O que combinaram fazer na quinta?

R: \_\_\_\_\_

7- Como iriam fazer esse passeio?

R: \_\_\_\_\_

8- Descreve o celeiro (descrever = dizer como é ).

R: \_\_\_\_\_

9- Qual era o sentido usado pelos primos para distinguir os cheiros do velho celeiro?

R: \_\_\_\_\_

10- Que cheiros existiam no celeiro?

R: \_\_\_\_\_

11- Como estava o tempo no Sábado?

R: \_\_\_\_\_

12- A que é comparado o sol?

R: \_\_\_\_\_

13- Como estavam os pneus das bicicletas?

R: \_\_\_\_\_

14- Para onde foram os primos depois de estarem prontos?

R: \_\_\_\_\_

15- O que estavam os pássaros a fazer?

R: \_\_\_\_\_

16- No caminho estreito, o que utilizaram os primos para comunicarem entre si?

R: \_\_\_\_\_

# *Os Primos e a Bruxa Cartuxa*

## Capítulo II

### Um recreio de gatos

Depois de leres o capítulo com atenção responde ao que te é pedido.

1- O que é que não deixava ver o que estava do outro lado?

R: \_\_\_\_\_

2- O que encontraram os primos por trás da sebe?

R: \_\_\_\_\_

3 - Ordena alfabeticamente as seguintes palavras:

panelas furados lã ervas vassouras partidas pneu

carecas bolas camião árvore baloiço recreio gatos

1º

8º

2º

9º

3º

10º

4º

11º

5º

12º

6º

13º

7º

14º

4- Classifica morfológicamente as palavras sublinhadas

A Matilde viu um jardim desarrumado.

A- \_\_\_\_\_

Matilde- \_\_\_\_\_

Um- \_\_\_\_\_

Jardim- \_\_\_\_\_

Desarrumado \_\_\_\_\_

5- Procura no texto sinónimos de :

diferente \_\_\_\_\_ terminar \_\_\_\_\_

ir contra \_\_\_\_\_ caminhar \_\_\_\_\_

6- Procura no texto os antónimos de :

deu \_\_\_\_\_ acabar \_\_\_\_\_

verdadeiro \_\_\_\_\_ fazer \_\_\_\_\_

dentro \_\_\_\_\_ afastar \_\_\_\_\_

melhor \_\_\_\_\_ debaixo \_\_\_\_\_

7- Cópia do texto:

- Uma frase do tipo interrogativo.

\_\_\_\_\_

- Uma frase do tipo declarativo.

\_\_\_\_\_

- Uma frase na forma negativa.

\_\_\_\_\_

- Uma frase na forma afirmativa.

\_\_\_\_\_

8- Quantos gatos andavam à luta por causa do baloiço?

R: \_\_\_\_\_

9- O que estava escondido por detrás da laranjeira?

R: \_\_\_\_\_

10- Como vinha vestida a rapariga que apareceu?

R: \_\_\_\_\_

11- Qual é o nome da árvore de folha persistente referida no texto ?

R: \_\_\_\_\_

12- Faz a descrição física da rapariga (relê a página 10 e 11).

R: \_\_\_\_\_

13- Como era a vassoura da rapariga ?

R: \_\_\_\_\_

14- Quem era a rapariga ?

R: \_\_\_\_\_

15- Por que razão gostava a bruxa de ter visitas de pessoas com menos de 10 anos ?

R: \_\_\_\_\_

16- O que sentiram os primos quando a bruxa os convidou para irem lanchar a casa dela ? Porquê ?

R: \_\_\_\_\_

17- Qual é o adjectivo utilizado pelos primos (pág. 12) para caracterizar a bruxa?

R: \_\_\_\_\_

18 – Como era a casa da bruxa ?

R: \_\_\_\_\_

19- O que estava na lareira ?

R: \_\_\_\_\_

20- O que estava no panelão ?

R: \_\_\_\_\_

21- O que disse a bruxa para o lanche aparecer na mesa ?

R: \_\_\_\_\_

22- O que sentiram quando viram o lanche ?

R: \_\_\_\_\_

23- Classifica morfológicamente as palavras :

A floresta mágica.

A- \_\_\_\_\_

floresta- \_\_\_\_\_

mágica- \_\_\_\_\_

## *Os Primos e a Bruxa Cartuxa*

### **Capítulo III**

#### **Mensagem à hora de lanche**

Depois de leres o capítulo com atenção responde ao que te é pedido.

1- Qual é o título deste capítulo?

R: \_\_\_\_\_

2- O que comeram ao lanche?

R: \_\_\_\_\_

3- Quem inventou as receitas?

R: \_\_\_\_\_

4- O que estava pendurado na parede?

R: \_\_\_\_\_

5- O que estavam os paus de giz a fazer? Porquê?

R: \_\_\_\_\_

6- Quem enviava os sinais aos paus de giz?

R: \_\_\_\_\_

7- De que forma foi escrita a mensagem? (tipo de texto)

R: \_\_\_\_\_

8- Quem precisava da ajuda da Bruxa Cartuxa?

R: \_\_\_\_\_

9- O que acontecia aos poderes da bruxa quando ela estava debaixo de água?

R: \_\_\_\_\_

10- Quem a poderia ajudar debaixo de água? Porquê?

R: \_\_\_\_\_

11- O que fez a bruxa para as portas e janelas abrirem?

R: \_\_\_\_\_

## *Os Primos e a Bruxa Cartuxa*

### Capítulo IV

#### Missão difícil

Depois de leres o capítulo com atenção responde ao que te é pedido.

1- Por que razão começou a vassoura aos ziguezagues?

R: \_\_\_\_\_

2- Quem foi que apareceu para os ajudar quando começaram a cair?

R: \_\_\_\_\_

3- Que transportes aéreos conheces?

R: \_\_\_\_\_

4- Que animal estava preso entre o rochedo e um bloco de gelo enorme?

R: \_\_\_\_\_

5- Como era a pele da baleia?

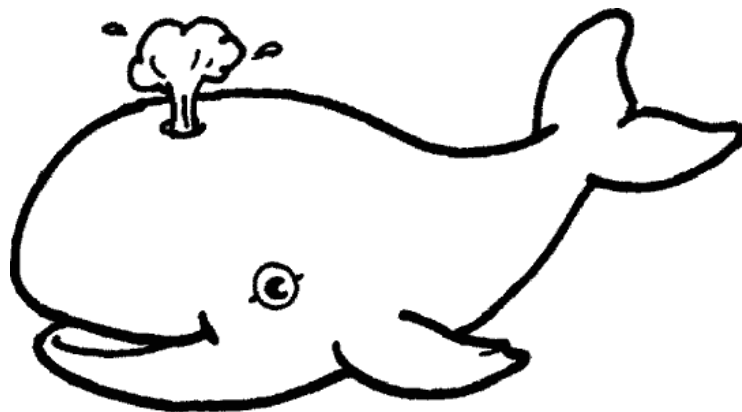
R: \_\_\_\_\_

6- Qual foi a solução que a bruxa encontrou para ajudar a baleia?

R: \_\_\_\_\_

7- Onde estavam os materiais que a bruxa arranjou?

R: \_\_\_\_\_



8- Depois de rasparem um pouco o gelo, a baleia ainda não podia sair. O que fez a bruxa?

R \_\_\_\_\_

9- Quem foi ajudar a bruxa a puxar a baleia?

R \_\_\_\_\_

10- O que sentiu a baleia quando viu que não conseguia sair dali?

R: \_\_\_\_\_

11- Concordas com o título deste capítulo? Porquê?

R \_\_\_\_\_

## *Os Primos e a Bruxa Cartuxa*

### Capítulo V

#### A canção da despedida

1- Quem ajudou a puxar a baleia?

R: \_\_\_\_\_

2- Que sentimento os levou a conseguir salvar a baleia?

R: \_\_\_\_\_

3- Como se sentiu a baleia quando ficou livre?

R: \_\_\_\_\_

4- Qual era a maneira de agradecer da baleia?

R: \_\_\_\_\_

5- Como se sentiram todos depois de verem a baleia livre?

R: \_\_\_\_\_

6- O que pensaram os primos quando viram a águia e a bruxa a dar voltas de alegria no céu?

R: \_\_\_\_\_

7- Quem levou os primos de volta para a floresta?

R: \_\_\_\_\_

8- Durante a viagem, de regresso, a bruxa não se calou. Copia as frases que ela cantarolava.

R: \_\_\_\_\_

9- Quando chegaram à floresta a bruxa pediu para a voltarem a visitar. Porquê?

R: \_\_\_\_\_

10- O que responderam os primos a este pedido?

R: \_\_\_\_\_

## *Primos e a Bruxa Cartuxa*

### **Proposta de trabalho para casa**

Faz um desenho para dizer o que aconteceu em cada capítulo e escreve uma pequena frase para legendar cada desenho.



# **ANEXO III**

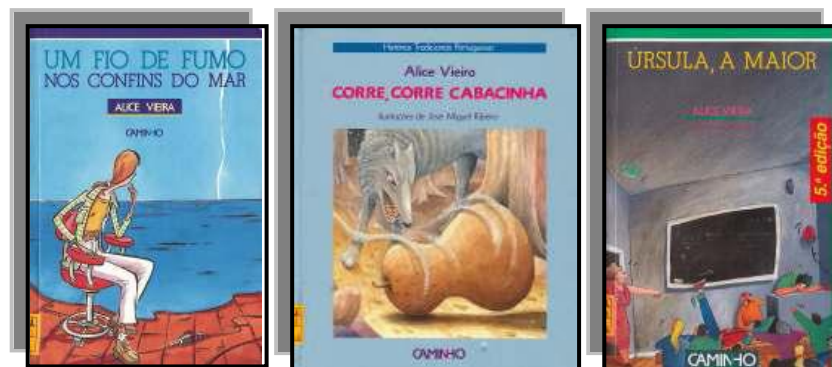
# ALICE VIEIRA



## Algumas Notas Biográficas

- Nasceu em Lisboa, em 1943.
- É casada e tem dois filhos, um rapaz e uma rapariga: a filha, Catarina da Fonseca, é também escritora.
- Tirou o curso de Germânicas e foi professora durante um curto período de tempo.
- Dedicou-se ao jornalismo, tendo trabalhado no Diário Popular e no Diário de Notícias.
- Colaborou nos programas de televisão Jornalinho e Rua Sésamo.

- Em 1979, estreou-se no romance para jovens com a publicação de Rosa, minha Irmã Rosa.
- Ainda em 1979, foi-lhe atribuído o Prémio de Literatura Infantil Ano Internacional da Criança.
- Actualmente dedica-se exclusivamente à escrita, tendo publicado mais de três dezenas de livros para crianças e jovens.
- Em 1994, recebeu Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Criança, pelo conjunto da sua obra.
- Muitos dos seus livros foram traduzidos e estão publicados no estrangeiro.



## ACTIVIDADE 1

### Continuar o poema

Apresentamos um conjunto de versos (A e B) que obedece a regras de construção evidentes.

Os alunos deverão continuar a escrever de acordo com as regularidades detectadas.

O texto deve ser fechado com uma frase/verso que não dê lugar a novos prolongamentos.

Finalmente, o aluno/alunos devem confrontar o texto produzido com o texto completo do seu autor.

#### A

Se tu visses o que eu vi  
Se tu visses o que eu vi  
    havia de te admirar:  
uma cadela com pintos,  
    uma galinha a ladrar.  
Se tu visses o que eu vi  
    lá no alto do lameiro:  
um macaco a bater sola  
    a fazer de sapateiro.  
.....

#### Texto original

Se tu visses o que eu vi  
Se tu visses o que eu vi  
    havia de te admirar:  
uma cadela com pintos,  
    uma galinha a ladrar.  
Se tu visses o que eu vi  
    lá no alto do lameiro:  
um macaco a bater sola  
    a fazer de sapateiro.

Se tu visses o que eu vi  
na serra de Guimarães:  
uma minhoca com pintos  
e uma bezerra com cães.  
Se tu visses o que eu vi  
na feira de Vimioso:  
sete frades em camisa  
a cavalo num raposo.  
Se tu visses o que eu vi  
No buraco da parede:  
a cobra a dançar o vira  
e o lagarto a cana-verde.

Alice Vieira,  
*Eu bem vi nascer o Sol*

## **B**

### *Menina Bonita*

Menina bonita  
não sobe à janela  
porque o bicho mau  
carrega com ela.  
Se quer alvos ovos  
arroz com canela  
menina bonita  
não sobe à janela.  
Não sobe à janela  
não sobe à varanda  
porque lá está posta  
uma fita de ganga.  
E dentro da panela  
uma fita amarela  
e dentro do poço  
a casca do tremço

.....

Texto original

*Menina Bonita*

Menina bonita  
não sobe à janela  
porque o bicho mau  
carrega com ela.  
Se quer alvos ovos  
arroz com canela  
menina bonita  
não sobe à janela.  
Não sobe à janela  
não sobe à varanda  
porque lá está posta  
uma fita de ganga.  
E dentro da panela  
uma fita amarela  
e dentro do poço  
a casca do tremoço  
e lá no telhado  
um gato malhado  
e na chaminé  
uma caixa de rapé  
e no meio da rua  
uma espada nua.

Alice Vieira,  
*Eu Bem Vi Nascer o Sol*

## ACTIVIDADE 2

### Jogo: Nomes Incompletos

#### *Cantiga dos Nomes*

A rosa, para ser rosa,  
deve ser de Alexandria  
apanhada por mão de Ana  
dada por mão de M\_\_\_\_\_.

A rosa, para ser rosa,  
há-de ter folhas e pé  
o amor para ser firme  
há-de-se chamar J\_\_\_\_\_.

A Maria Madalena  
ama o Francisco da R\_\_\_\_\_  
que lhe comprou pela feira  
um fato inteiro de chita.

O meu amor não é este  
o meu chama-se J\_\_\_\_\_  
é coradinho de rosto  
alegre de coração.

O cabelo de Joana  
Anda no mar a nadar  
Quem me dera um pente de ouro  
Que o fosse pentear.

Alice Vieira,  
*Eu Bem Vi Nascer o Sol*

### ACTIVIDADE 3

## Observar primeiro para fazer depois

*Varre, Varre*

Varre, varre  
vassourinha  
o terreiro  
da rainha  
se varreres bem  
dou-te um vintém  
se varreres mal  
nem um real.  
Varre, varre  
vassourinha  
varre bem  
esta casinha.  
Eu tão bem  
a varrerei  
como a casinha  
do nosso rei.

Alice Vieira,  
*Eu Bem Vi Nascer o Sol*

Escreve um texto à semelhança deste. Se quiseres, começa assim:

Corre, corre  
meu carrinho  
.....